



Instituto Universitário

Relação entre a Qualidade de Vinculação e
o Sentimento de Solidão em Adolescentes:
Diferenças no Género

Ana Filipa Leonor Soares

Orientador de Dissertação:
PROF. DRA. MANUELA VERÍSSIMO

Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROF. DRA. MANUELA VERÍSSIMO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do
grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Clínica

2011/2012

Dissertação de Mestrado realizada sob orientação de Manuela
Veríssimo, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para
obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia
Dissertação de Mestrado realizada sob orientação de Manuela
Clínica
Veríssimo, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para
obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia
Clínica

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que tornaram possível e contribuíram para a realização deste trabalho, em especial:

À minha Família, aos meus Pais e Irmão pelo apoio incondicional, ajuda e disponibilidade constante ao longo deste 5 anos de estudo.

À Professora Doutora Manuela Veríssimo, pela contínua disponibilidade, orientação, apoio, paciência e pelos conhecimentos transmitidos, ao longo deste ano.

À minha colega de Seminário Patrícia Pinto, pelos conselhos, apoio, troca de ideias, companheirismo e amizade.

À minha colega e amiga Rosa Silva pela ajuda continua na elaboração desta Tese de Mestrado.

A todos os meus amigos que me apoiarem neste tempo de estudo, pelo carinho, dedicação e amizade.

A todos os alunos que se disponibilizaram a participar no estudo, despendo o seu tempo no preenchimento dos questionários.

NOME: Ana Filipa Leonor Soares

Nº ESTUDANTE: 15288

CURSO: Mestrado Integrado em Psicologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Psicologia Clínica

ANO LECTIVO: 2011/2012

ORIENTADOR: Prof. Dra. Manuela Veríssimo

DATA: 03/12/2012

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Relação entre a Qualidade de Vinculação e o Sentimento de Solidão em Adolescentes: Diferenças no Género

RESUMO

Alguns estudos apontam para uma associação entre a vinculação insegura e o sentimento de solidão em jovens adultos. Sendo assim, o presente trabalho teve como objectivo estudar a relação entre a qualidade de vinculação e o sentimento de solidão, em jovens adolescentes, com ênfase para a diferenciação de género. Os participantes são 97 adolescentes (52 do sexo feminino e 45 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, a frequentar o 7º, 8º e 9º anos de escolaridade, de uma escola da região da Grande Lisboa. A qualidade da vinculação foi avaliada através da *Kerns Security Scale* (Kerns, Klepac & Cole, 1996) e o Sentimento de Solidão através da *Relational Provision Questionnaire* (Hayden, 1989).

Foram encontradas algumas diferenças significativas no que concerne à qualidade de vinculação e o sentimento de solidão, nomeadamente ao nível do género.

Palavras-chave: Vinculação; Solidão; Adolescência

TITLE: Relationship between Quality of Attachment and Sense of Loneliness in Adolescents:
Gender Differences

ABSTRACT

Some studies point to an association between insecure attachment and feelings of loneliness in young adults. Therefore, this study aimed to study the relationship between quality of attachment and loneliness, in young adolescents, with emphasis on gender differentiation. The participants are 97 adolescents (52 females and 45 males), with aged between 10 and 18 and are students of 7th, 8th and 9th grades, at a school of the Lisbon area. The quality of the Attachment was assessed by Kerns Security Scale (Kerns, Klepac & Cole, 1996) and Feelings of Loneliness by Relational Provision Questionnaire (Hayden, 1989). We found some significant differences in regards to quality of attachment and loneliness, especially in terms of gender.

Key words: Attachment; Loneliness; Adolescence

ÍNDICE

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract	III
1. Introdução	1
2. Revisão da Literatura	2
2.1. Vinculação	2
2.1.1. Origens da Vinculação	3
2.1.2. Teoria da Vinculação e Conceitos	9
2.1.3. Modelos Internos Dinâmicos	13
2.1.4. Vinculação e Adolescência	15
2.2. Solidão	15
2.2.1. Origem e Conceitos da Solidão	17
2.2.2. Causas da Solidão e Diferenças no Género	18
2.2.3. Influência dos pais na Solidão	19
2.2.4. Relação de Pares e Amizade	20
2.2.5. Vinculação e Solidão	22
2.2.6. Diferença no Género	23
2.2.7. Questão de Investigação	24
3. Método	26
3.1. Delineamento	26
3.2. Participantes	26
3.3. Procedimento	26
3.4. Instrumentos	27
4. Resultados	29
4.1. Estatística Descritiva na escala Kerns Security Scale	29
4.2. Estatística Descritiva na escala Relarional Provision Questionnaire	29
4.3. Correlação entre as duas escalas	30
4.4. Diferenças entre Géneros nas duas escalas	32
4.5. Análise da Tabela ANOVA-one way diferenças nas médias	34
4.6. Correlação entre as duas escalas tendo em conta as meninas	34
4.7. Correlação entre as duas escalas tendo em conta os meninos	35
5. Discussão	37
6. Referências Bibliográficas	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	29
Tabela 2	29
Tabela 3	30
Tabela 4	32
Tabela 5	34
Tabela 6	35

1. Introdução

A teoria da vinculação vem mostrar que uma criança para crescer mentalmente saudável têm que ser exposto a uma relação contínua com a figura materna, de forma a que os dois experienciem prazer e satisfação (Bowlby, 1951).

Tendo em conta esta descrição, podemos afirmar que a vinculação é muito importante no crescimento de uma criança, pois é através da relação com a figura materna que ela vai criar um suporte de confiança ou desconfiança do mundo (Verdi, 2010).

A forma como a criança se relaciona com a mãe vai influenciar a sua construção saudável, uma vez que a criança no seu primeiro ano de vida vê a mãe como um prolongamento de si. Deste modo, se a vinculação não for satisfatória para a criança isto pode conduzir a picos de ansiedade (Winnicott, 2000),

Como referido anteriormente, existem consequências de uma vinculação insegura, dado que as crianças fazem uma ligação mental das experiências vividas actualmente com as experiências vivenciadas no passado (Bowlby 1973). Esta ligação pode ter algumas consequências, nomeadamente o facto de puder enviesar as experiências e crenças actuais (Bowlby, 1973, cit. por Milijkovitch, 2002). Ou seja, crianças cujas vivências com os pais não foram satisfatórias, têm a tendência para criar laços vinculativos semelhantes, por apresentarem uma organização mental mais defensiva. Assim, a qualidade de vinculação pode ser um dos factores que influênciam o sentimento de solidão em jovens adolescentes, pois as experiências vividas com os pais são uma base para o desenvolvimento social dos jovens (Freitas, Correia, Santos, Ribeiro & Fernandes, 2012).

O presente trabalho tem como finalidade estudar a qualidade de vinculação e o sentimento de solidão em jovens adolescentes. Mais especificamente, se a qualidade de vinculação tem influências ao nível do sentimento de solidão, e se esse sentimento é mais marcado nas raparigas ou nos rapazes, ou seja, a diferenciação de género.

2. Enquadramento Teórico

2.1. Vinculação

2.1.1. Origens da Vinculação:

A teoria da vinculação foi elaborada por um trabalho conjunto entre John Bowlby e Ainsworth Mary (Bretherton 1992). John Bowlby veio dar um novo ênfase às relações afectivas e às dinâmicas vinculativas, mostrando que as relações afectivas entre mãe e filho são de extrema importância, podendo assim quebrar essa relação através da separação, da privação ou mesmo do luto (Bretherton 1992). Esta teoria despertou maior interesse nos meados do século XX , no contexto de guerra, de separação, de carência de cuidados maternos, ou seja, após a Segunda Guerra Mundial estas questões da perda e da separação tiveram impacto no desenvolvimento das crianças, levando assim à importância da vinculação.

Tendo em conta a importância deste estudo, Mary Ainsworth juntou-se a John Bowlby para expandirem a teoria (Bretherton 1992). Abandonando as ideias iniciais da teoria psicanalítica de Freud, de que os laços vinculativos se criavam através da satisfação das necessidades básicas, vendo a mãe como fonte de satisfação (Bretherton, 1992& Bowlby, 1990), passaram a evidenciar e a dar uma maior importância aos laços afectivos estreitos e contínuos entre mãe e criança.

Em 1985, a teoria da vinculação foi apresentada na Sociedade Psicanalítica Britânica em Londres, através de Bowlby. Esta teoria foi composta a partir da etologia, da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise (Bretherton, 1992).

Para defender a sua teoria, o autor evidenciou que as crianças adquirem comportamentos vinculativos de imediato. Esses comportamentos visam criar laços entre as crianças e as suas mães e vice-versa.

Os comportamentos vinculativos são visíveis com dois meses de idade, em que as crianças usam a sucção, o agarrar, o sorrir, o chorar e o seguir para estabelecer uma ligação com a figura materna (Bretherton, 1992). Com um ano de idade as crianças aproximam-se dos familiares e de situações que lhes provocam satisfação, mas afastam-se de situações perigosas ou desagradáveis (Bowlby,1984).

Esta teoria vem mostrar que as relações calorosas e íntimas são essenciais para uma boa saúde mental da criança, em que a relação mãe-criança tem que ser sentida de ambas as partes (Bowlby, 1907). O autor vem mostrar ainda que a personalidade das crianças são em parte elaboradas e criadas através do apoio das figuras vinculativas, sendo que muitas perturbações se devem ao afastamento, à falta de cuidados maternos e à separação das figuras vinculativas durante os primeiros anos de vida.

2.1.2. Teoria da Vinculação e Conceitos:

A teoria da vinculação surgiu numa perspectiva darwiniana, em que se referia que a vinculação tem uma vantagem selectiva, isto é, a proximidade das figuras adultas protectoras que são uma mais valia na luta contra os perigos do meio ambiente (Guedeney 2002). Nesta teoria o mais importante é a noção espacial, ou seja, a distância entre a figura parental e o bebé, e a forma como se molda e adapta essa distância às necessidades do bebé (Guedeney e Guedeney, 2002).

A vinculação pode ser descrita como a proximidade e o sentimento de segurança que é transmitida pelas figuras parentais. É uma relação duradoura tanto da parte da mãe como da parte da criança, em que ambos se esforçam para que esta relação tenha qualidade.

Um aspecto importante frisado por Bowlby (1980), é a representação que as crianças têm pela mãe, ou seja, o que o autor vem concluir é que as crianças têm a capacidade para reconhecer a mãe muito antes de reconhecerem outras pessoas ou objectos. Esta capacidade de reconhecimento da mãe dá-se especialmente porque existe uma ligação afectiva que proporciona maior número de trocas de carinho e afecto, que as outras pessoas. Esta capacidade de reconhecimento da mãe vem antes dos cinco meses, o que leva o autor a concluir que existe por parte do bebé uma capacidade de representação elementar (Bowlby cit. por Milijkovitch, 2002).

Bowlby (1988) procurou explorar em que a efeito a privação da mãe poderia ter efeitos no desenvolvimento da personalidade da criança.

Estudos apontavam que o forte laço entre a criança e a mãe se devia à alimentação proporcionada pela mãe, sendo assim, são apontados 2 tipos de impulsos, o primário e o secundário. O primário diz respeito ao alimento e o secundário seria o relacionamento de

dependência. Bowlby (1988) acredita que se isso fosse verdadeiro as crianças com 1 ano de idade deveriam aceitar qualquer pessoa que os alimentasse, o que não acontecia na prática, levando o autor a procurar outra explicação a partir da *Natureza dos Laços da Criança à Sua Mãe* em 1969. Neste estudo Bowlby desenvolve o conceito de comportamento vincutivo, referindo que durante a primeira infância os laços vincutivos são estabelecidos com os pais, uma vez que estes transmitem segurança, conforto e suporte. Durante a adolescência e a vida adulto esses laços mantêm-se mas são complementados por novos laços, como os de amizade (Bowlby, 1988).

O autor descreve o conceito como qualquer comportamento em que uma pessoa tem como objectivo manter uma relação de proximidade com outra que seja mais capaz de lidar com o mundo. Portanto, só será possível iniciar um comportamento vincutivo se a figura vincutiva se mostrar disponível e transmitir segurança para fortalecer a relação. Neste sentido, pode dizer-se que o comportamento vincutivo se dá principalmente na primeira infância, mas pode ocorrer em todos os momentos da vida (Bowlby, 1988).

Bowlby, faz também a distinção entre a vinculação e o comportamento vincutivo. Defende que a vinculação surge quando uma criança tem um vínculo a alguém, o que significa que essa pessoa procura a proximidade com a criança em certas condições específicas, este comportamento é manifestado principalmente pela pessoa vinculada que na maioria das vezes não é afectada pela situação do momento. Por outro lado, o comportamento vincutivo diz respeito a qualquer comportamento de proximidade que a criança manifeste, podendo surgir de tempos a tempos (Bowlby, 1988).

Bowlby (1988) , elabora outro conceito importante na teoria da vinculação, designado de sistema comportamental. Este conceito surgiu no sentido em que o autor procurava explicar a forma pela qual a criança ou adulto mantinham relações vincutivas com a figura materna. Nesse sentido, defendeu que existe uma organização psicológica interna, com traços específicos, incluindo os modelos de representação de si mesmo e da figura vincutiva. Neste sentido, a pessoa tem a capacidade de manter uma relação de acessibilidade e de certos limites de distância com a figura vincutiva.

Como referido anteriormente, a teoria da vinculação surgiu no sentido em que Bowlby pretendia estudar a personalidade das crianças, tendo em conta a separação da figura materna.

O autor teve como ajuda o estudo de Mary Ainsworth, o teste da situação estranha “*The Strange Situation*”, que leva à distinção dos vínculos afectivos. Essa situação é uma experiência que visa expor crianças entre os 10 e os 24 meses a um determinado estímulo.

Nesta experiência, a mãe deixa as crianças duas vezes num sítio que não lhe é familiar com uma pessoa que lhe é estranha. Ao expor as crianças a este estímulo, o objectivo é verificar as várias respostas por parte da criança quanto à ausência da mãe, podendo ocorrer respostas a três níveis: a vinculação segura, vinculação insegura rejeitante e vinculação insegura ambivalente.

A vinculação segura dá-se quando as crianças estão fortemente ligadas à figura materna. São crianças activas nas suas brincadeiras quando a mãe está presente, quando esta não está elas passam a não ser tão activas. É de salientar também, que quando as mães regressam as crianças procuram o conforto delas e retomam a sua forma activa de estar, ou seja, o bebé que brinca com a mãe, explora o meio e aproxima-se cautelosamente do estranho, chora quando esta sai, chora com o estranho e quando a mãe volta a criança corre para a mãe e fica perto dela, explorando o meio à sua volta.

Na vinculação insegura rejeitante, a criança não chora quando a mãe sai, não reage à saída da mãe e não a procura quando esta volta, porque sabe que não pode contar com a mãe uma vez que esta não responde correctamente às suas necessidades, existindo uma ausência ou exagero de resposta. Este tipo de vinculação é uma hiper-estimulação por parte da mãe.

A vinculação insegura ambivalente é descrita como uma relação em que as crianças estão demasiado apegadas às figuras vinculativas, mostrando alguma resistência quando procuram o contacto com a mãe. As crianças ficam muito perto da mãe quando entram na sala, choram quando a mãe sai e demoram demasiado tempo a acalmar-se. Dirigem-se à mãe mas param a meio do caminho sem olharem directamente nos olhos da mãe, continuando a chorar, ou seja, revelando ambivalência emocional. Este tipo de vinculação é uma consequência da falta de resposta da mãe aos pedidos da criança.

Chega-se assim à conclusão que de facto a forma como a criança e a mãe se relacionam vai condicionar a forma como a criança se vai relacionar futuramente, podendo mesmo ter algumas dificuldades nesse campo. Como referidos por Bowlby (1907), a personalidade das crianças é em parte elaborada e criada através do apoio das figuras vinculativas, sendo que muitas perturbações se devem ao afastamento, à falta de cuidados maternos e à separação das figuras vinculativas durante os primeiros anos de vida.

Deste modo, denota-se que existem diferentes comportamentos vinculativos e que estes são descritos como comportamentos que asseguram a nível biológico a sobrevivência da espécie e a nível psicológico a segurança e o desenvolvimento de outras futuras relações. É através da vinculação que se forma um modelo interno que é a base de desenvolvimento de todas as relações futuras. Nas primeiras relações, entre os seis e os doze meses, o bebé

constrói um modelo de relação através da sua relação com a mãe. Esse modelo será uma componente cognitiva e afectiva que vai modelar as futuras relações no adolescente e adulto.

Esses comportamentos são numa primeira fase, a proximidade procurada pelo bebé a partir da sucção, acto inato que tem como objectivo estabelecer uma maior relação entre bebé e a mãe. É de salientar que a primeira fase descrita foi retirada em 1982, uma vez que se considera a sucção como um acto inato (Guedeney e Guedeney, 2002). Numa segunda fase, a vinculação é descrita através dos sorrisos e das vocalizações, acções que vão demonstrar à figura vinculativa que o bebé está disposto a interagir. Quando o bebé chora, trata-se de uma reacção aversiva, ou seja, um comportamento que visa a aproximação da mãe com a intenção de o acalmar (Guedeney e Guedeney, 2002). Na terceira fase, os comportamentos vinculativos serão os de agarrar e gatinhar. Estes são comportamentos activos que levam os bebés a aproximar-se ou seguir a figura vinculativa (Guedeney e Guedeney, 2002). Contudo, os comportamentos descritos anteriormente não são pertinentes para o estabelecimento da Vinculação, uma vez que se considera que o mais importante é o objectivo que esses comportamentos têm, que é o da proximidade e o do sentimento de segurança.

Em suma, não é necessário que haja esses comportamentos para existir uma vinculação, podendo haver vinculação a partir de comportamentos diferentes mas com significados semelhantes (Sroufe e Waters, 1977).

Segundo Bowlby (1990), para que haja comportamentos vinculativos tem que existir uma relação entre a criança e a sua figura vinculativa. Essa figura tem como função principal manter uma relação estável e duradoura com a criança, respondendo de forma positiva aos seus sinais de aproximação. Contudo, não é necessário que essa pessoa seja a mãe, pode ser outra pessoa que responda aos comportamentos vinculativos do bebé, até porque os bebés não têm que ter apenas uma figura vinculativa. As pessoas a quem a criança se vincula serão agrupadas conforme os cuidados e a atenção prestada à criança formando assim uma relação de vinculação (Holmes, 1995).

Bowlby (1990) refere ainda que os comportamentos vinculativos são caracterizados por um sistema rígido e com controlo comportamental. O autor explica este comportamento por um sistema psicológico que está inerente na criança e que lhe vai permitir manter a relação com a figura vinculativa tendo em conta os limites e as acessibilidades.

Quando Bowlby (1990) se refere à vinculação em si tem em mente dois aspectos, sendo eles, os comportamentos específicos que resultam na proximidade com a mãe e os comportamentos que os controla. Isto é, a criança tem presente estes dois aspectos, sendo que

consegue ter tanto um comportamento de proximidade com a figura vinculativa, como controlar esse mesmo comportamento.

A relação de vinculação considera-se progressiva, porque o bebé dirige-se à sua figura vinculativa mais importante, com a finalidade de procurar apoio, conforto e protecção (Guedeney e Guedeney, 2002).

Portanto, é no primeiro ano de vida que as crianças criam uma relação específica com a figura vinculativa (Schaffer, 1996), ou seja, entende-se como figura vinculativa a pessoa que presta maiores cuidados à criança (Bowlby, 1990). Segundo o autor as crianças com cerca de 12 meses de idade podem ter mais que uma figura vinculativa, pois as pessoas que fazem parte do seu dia-a-dia são vistas como figuras significativas.

Bowlby e Ainsworth (1982, 1989) afirmam que a vinculação vai para além de laços afectivos, ora vemos as crianças podem criar laços afectivos com muitas outras pessoas, mas não consegue criar uma vinculação com maior parte delas. Isto porque, a vinculação visa a procura de segurança e conforto nas relações que estabelece com a outra pessoa.

Sendo assim, pode concluir-se que a vinculação tem como pano de fundo a segurança, em que a criança procura o carinho e a protecção e a figura vinculativa vai dar resposta a esse pedido (Bowlby, 1990). Neste sentido, o autor refere que as crianças que têm uma maior segurança e apoio por parte da figura vinculativa são mais felizes e apresentam um desenvolvimento mais seguro, pois consideram ter um relação de vinculação segura no sentido que sempre que necessário têm o apoio dos pais. No entanto, pesquisas realizadas nomeadamente por Rutter (1979 cit. por Bowlby 1988), mostram que a privação da figura vinculativa tem muitas vezes desvantagens para a criança, podendo afectar o seu desenvolvimento psicológico. Este estudo conclui que experiências adversas na infância se manifestam em dois sentidos, primeiramente o indivíduo torna-se mais vulnerável a experiências adversas futuras. E segundo aumenta a possibilidade dessas pessoas voltarem a experimentar situações adversas, ou seja, as primeiras experiências são independentes do sujeito. As futuras experiências adversas se devem às acções da pessoa, isto é, às perturbações causadas pela primeira experiência adversa. Um exemplo deste aspecto, é de quando uma mãe que na sua infância viveu uma experiência adversa, tendo tido uma vinculação ansiosa, tem a tendência para procurar o apoio e cuidado no filho e deste modo leva a criança a tornar-se ansiosa e culpada (Bowlby 1988).

Em suma, pode confirmar-se que a forma como as pessoas se vinculam na infância manifesta-se no seu desenvolvimento e no seu futuro.

Neste sentido Ainsworth (1989), veio afirmar que existem quatro características das relações de vinculação: a procura de proximidade; a noção de base de segurança, isto é, o bebé tem uma exploração mais livre e mais segura na presença da figura vinculativa; a noção de comportamento de refúgio corresponde à situação em que a criança se sente insegura ou ameaçada e volta para junto da figura vinculativa e por último as reacções involuntárias fase à separação da figura vinculativa.

Estas quatro características vêm evidenciar a existência de uma relação vinculativa preferencial, transmitida pela segurança e bem-estar para com a criança. Sendo assim, para que haja um bem-estar da criança tem que haver sistemas vinculativos, ou seja, comportamentos que favorecem a vinculação a partir da motivação. No sistema de vinculação, o bebé procura estabelecer uma relação a partir da proximidade física.

O sistema de vinculação é descrito em três grandes fases (Georges, 1999):

- 1) Dos 0 aos 6 meses, o bebé procura fazer uma discriminação das figuras vinculativas, com a intenção de verificar quem responde mais aos cuidados;
- 2) Dos 6 meses aos 3 anos, o bebé põe em acção os esquemas vinculativos como o objectivo de proximidade parente a figura vinculativa. Os sistemas de vinculação estão em planas condições de funcionamento entre os 7 e os 9 meses;
- 3) Após os 3 anos dá-se uma relação recíproca, isto é, as crianças já têm a capacidade de compreender as intenções do outro. As suas capacidades cognitivas também estarão mais desenvolvidas portanto será mais fácil aceitar a separação da figura vinculativa.

Existe ainda o sistema exploratório, que visa a proximidade pela curiosidade e pelo domínio (Guedeney e Guedeney, 2002).

O sistema afiliativo segundo Murray (cit por Guedeney e Guedeney,2002), está ligado à construção da sociabilidade e da moralidade, ou seja, é um sistema motivacional em que a criança demonstra vontade de se ligar e socializar com os outros. Esta motivação de se ligar socialmente está inerente desde o nascimento mas é por volta dos dois meses que se nota mais (Guedeney e Guedeney, 2002).

Por último, vem o sistema medo-angústia, onde a criança assinala a partir da capacidade de vigilância situações menos boas, ou seja, é a resposta da criança a uma situação assustadora de perigo percebido. Este sistema é desenvolvido a partir do primeiro ano de vida, em que a criança tem a capacidade de assinalar o perigo do meio ambiente (Guedeney e Guedeney, 2002).

Foi ainda adoptado por Bowlby (1988) um sistema chamado de caregiving, que visa a capacidade de se ocupar e de cuidar de alguém mais novo. Digamos que este sistema se activa quando a figura parental percebe que existem sinais externos ou internos de perigo. Uma vez activado este sistema a principal preocupação é a de estar próxima do filho e cuidar dele de forma é que nada de mau lhe aconteça.

Deste modo quando estudamos a teoria da vinculação tendo em conta Bowlby (1990), temos presente as quatro fases do desenvolvimento da vinculação. Estas quatro fases visam desenvolver um relacionamento mais próximo, no sentido de criar uma maior colaboração entre a criança e a sua figura vinculativa. As fases são as seguintes: A primeira fase que se dá nos primeiros 3 meses de um bebé, caracteriza-se pela Orientação e sinais com discriminação limitada de figuras. Nesta fase o comportamento da criança é específico em relação às pessoas, ou seja, eles só distinguem as pessoas pelo olfacto e pela audição; A segunda fase, que se dá entre os 3 e os 6 meses de idade, denomina-se de Orientação e sinais dirigidos para uma ou mais figuras discriminadas, nesta fase é evidente que as crianças têm comportamentos de procura e de proximidade para com a figura vinculativa; A terceira fase dá-se entre os 6 e os 24 meses de idade, e é designada de Manutenção da proximidade com uma figura discriminada através da locomoção ou de sinais. Neste período, as crianças estão mais aptas em termos de locomoção, ou seja, tendem para explorar o meio ambiente, deste modo, a proximidade com a figura vinculativa é dada através da segurança transmitida durante a exploração da criança. A figura vinculativa transmite segurança à criança para que esta tenha facilidade em explorar o meio ambiente; A quarta e última fase, dá-se entre os 24 e 30 meses de idade, é chamada de Formação de uma parceria corrigida para a meta. Nesta fase as crianças já mostram algumas capacidades em adoptar o ponto de vista do outro ainda que seja pelos comportamentos corrigidos, neste sentido a criança é capaz de interiorizar o ponto de vista da mãe e tentar acomodar os seus próprios objectivos aos dela, no entanto também já possui algumas capacidades para influenciar a mãe no sentido de manter o seu objectivo. Estas fases vão permitir verificar as diferentes etapas no desenvolvimento de uma vinculação segura ou insegura, chegando a um ponto onde a criança tem segurança ou não para explorar o meio ambiente.

2.1.3. Modelos Internos Dinamicos

Este conceito tornou-se um aspecto muito importante na teoria de Bowlby, uma vez que é onde se dá a passagem do domínio comportamental para o domínio da representação. Isto é, este modelo centra-se nas estruturas mentais, que se desenvolvem a partir de experiências de vinculação e a sua interpretação. Sendo assim, as pessoas são orientadas através do comportamento, do sentimento, da memória, da atenção e da linguagem (Main, Kaplan & Cassidy, 1985).

Os modelos internos dinâmicos desenvolvem-se através das relações de vinculação, ou seja, a criança usa o conhecimento de si próprio e o conhecimento da sua figura vinculativa para dar resposta a uma determinada situação. Tendo em conta este factor, Collins e Read (1994) evidenciam que o facto de existir diferentes padrões de vinculação resulta nas diferenças entre as atitudes e reacções das pessoas, pois pensam e sentem de forma diferente. Neste sentido, Bowlby (1973) afirma que os conhecimentos são adquiridos a partir da avaliação que a pessoa faz de si mesmo, na confiança, na disponibilidade e na responsabilidade que tem na figura vinculativa, o que leva este modelo a ser um factor explicativo de que desde muito cedo os bebés têm representações internas, no sentido em que interiorizam sequências de acontecimentos que os levam à adaptação do seu comportamento tendo em conta experiências do passado (Miljkovitch, 2002). Uma vez que os bebés não têm a capacidade de representar aspectos sem que existia uma percepção imediata, a criança apenas consegue dar resposta a aspectos presentes na realidade que os envolve, sendo as suas reacções dependentes das sequências interactivas do momento tornando-se assim muito lábeis (Pipp, 1990 e Thompson, 1991 cit. por Miljkovitch, 2002).

A criança consegue desenvolver-se e influenciar as figuras vinculativas, uma vez que, estas interiorizam as interacções em que participam. Uma vez ocorrida interacção, o bebé interioriza essa relação, que lhe vai permitir interpretar e compreender os outros com quem tem uma relação de proximidade, influenciando a sua figura vinculativa.

Este modelo interno dinâmico surgiu pelas mãos de um psicólogo britânico Kenneth Craik (1943), mas foi reforçado por Bowlby e descrito como, modelos mentais construídos pelas crianças. Este modelo vai influenciar as crianças nos seus comportamentos e na forma como estes se relacionam com os outros. As crianças criavam dois tipos de modelos, o modelo de si, em que se imaginavam como sendo mais ou menos merecedor de amor e o modelo dos outros, ou seja, a percepção que os outros têm das suas necessidades. É de salientar que os bebés só têm essa capacidade a partir dos cinco meses, uma vez que segundo os estudos de Piaget (1947 e 1948) as crianças com menos de cinco meses, não têm a noção da continuação de objecto, isto é, se o bebé deixa de ver o objecto por algum tempo deixa de o

procurar também, então se voltarmos a colocar o mesmo objecto à sua frente, o bebé não se vai recordar acreditando que é um objecto novo. Esta noção de continuação de objecto modifica-se por volta dos cinco meses, ou seja, a partir desta idade dá-se a aquisição permanente de objecto (Bowlby cit por Milijkovitch, 2002).

O autor Bowlby, chega à conclusão que é por volta dos cinco, seis meses que o bebé tem a capacidade de formar um modelo interno, isto é, que tem a capacidade de reconhecer um objecto desaparecido (Bowlby cit. por Milijkovitch, 2002). É de salientar ainda que o autor acredita que os bebés com vinculações seguras desenvolvem mais rapidamente essa capacidade de modelo interno.

Portanto crianças cuja vinculação é segura, em que a figura vinculativa é responsável e o modelo do self é valorizado, tende para exprimir livremente as suas emoções e sentem-se mais confiantes nas relações com a figura vinculativa (Feeney & Noller, 1996; Soares, 1996). No entanto crianças com uma vinculação insegura, onde há desvalorização, onde as experiências são mais frustrantes, onde há insensibilidade e ou rejeição, tendem para construir os modelos internos de forma mais negativa de si mesmo e da figura vinculativa (Bretherton & Munholland, 1999; Soares, 1996).

Sendo que desde sempre que as crianças têm disponível um repertório de comportamentos de vinculação, com a finalidade de ter sempre a mãe por perto. As crianças que mesmo tendo esta estratégia primária do repertório do comportamento, não conseguem ter a mãe por perto, recorrem a estratégias secundárias, ou seja, a crianças vai alterando o seu comportamento vincutivo para que consiga a proximidade esperada com a mãe (Main 1990, cit. por Milijkovitch, 2002).

Bowlby (1973) faz a distinção de dois aspectos no desenvolvimento dos modelos internos dinâmico. Um primeiro aspecto, retrata o facto das crianças se ajustarem as interações vividas para que se desenvolvam. Num segundo aspecto, as crianças fazem uma ligação mental das experiências vividas actualmente com as experiências vivenciadas no passado. Esta ligação pode ter algumas consequências, nomeadamente enviesar as experiências e crenças actuais (Bowlby, 1973, cit. por Milijkovitch, 2002). O que isto quer dizer é que as crianças cujas vivências com os pais não foram seguras têm a tendência para criar laços vincutivos que lhes foi transmitido pelos pais, isto porque, elas à partida vão com uma organização mental mais defensiva.

Para que as crianças não mostrem essa organização mais defensiva, Bowlby elabora um mecanismo chamado exclusão defensiva. O que o autor pretende com este mecanismo é não trazer para o sistema de vinculação em curso aspectos incómodos, pretendendo eliminar

esses aspectos menos positivos vivenciados durante a infância. Por norma as crianças cuja vinculação não foi segura, têm tendência para criar um modelo de relação igual ao que vivenciavam (Bowlby, 1973, cit. por Miljkovitch, 2002).

Sendo que o autor Bowlby nos seus estudos mostra que existem relações significativas entre a vinculação que se dá durante a Infância com a forma como se vai estabelecer uma relação afectiva na idade adulta. Uma vez que a forma como as crianças se vinculam na infância tem consequência nas relações futuras, por exemplo crianças cuja vinculação foi segura, mostram-se mais confiantes e seguros de si mesmo bem como nos outros.

As representações que a crianças vai desenvolvendo e construindo ao longo das interacções com o mundo à sua volta tornam-se mais complexas, isto é, são representações que são acompanhadas pelas estruturas cognitivas, emocionais, bem como comportamentais (Bowlby, 1973; Bretherton & Munholland, 1999). Quando se fala no aspecto cognitivo constata-se que os modelos internos dinâmico visam orientar a memória para uma informação consistente.

Os modelos internos dinâmicos são também vistos pela reelaboração e pelo desenvolvimento, tendo em conta a experiência de orientação de uma acção, sendo que são as experiências relacionais vividas na infância que vão influenciar as suas acções (Bowlby, 1988).

Como referido anteriormente as relações de vinculação na infância vão determinar a forma como a pessoa na vida adulta se vai relacionar com as outras pessoas. No entanto o autor Bowlby (1988) refere que estes modelos internos dinâmicos podem ser modificados através das novas relações, uma vez que vão representar novas expectativas. Sendo que so se modificam quando existe um significado emocional por parte da pessoa. Portanto a vinculação interiorizada na infância não tem que ser necessariamente produzida na vida adulta, pois pode ser modificada ao longo da vida. esta modificação vai permitir uma integração e reorganização das experiências vividas.

Em suma, os modelos internos dinâmico são de extrema importância ao longo do crescimento de uma criança, pois é uma forma de representação interna do modelo vinculativo vivenciado durante a infância. Por norma as pessoas tendem a recriar os modelos vividos no passado, portanto, pessoas cuja vinculação na infância apresentou algumas dificuldades, ao longo do seu crescimento e no estabelecimento das relações vai ter dificuldades semelhantes, uma vez que o facto de ter modelos internos dinâmicos o faz recordar as vivências do passado e recria-las no futuro.

2.1.4. Vinculação e adolescência:

É na adolescência que os jovens vão passar do processo de vinculação para um processo de maior autonomia, transmitindo o contexto de vinculação para as relações de amizade. A maior parte dos adolescentes mantém o contexto de vinculação em três vertentes diferentes, no seio da sua família para que possam ter maior segurança e confiança no mundo exterior, nas relações de amizade e nas relações amorosas (Matos, 2001).

Nesta fase as relações de vinculação com os seus pais passa por um processo mais complicado, um processo onde existem conflitos e contradições. Mas como é neste período que se dão as evoluções das capacidades cognitivas, ou seja, as capacidades de raciocínio lógico e abstracto, os adolescentes têm outra capacidade de interacção com os pais (Atger; cit. por Guedeney e Guedeney, 2002). São estas capacidades cognitivas que vão facilitar a relação com os pais, uma vez que não têm apenas os seus desejos e necessidades em conta, mas também os desejos e necessidades dos pais. Uma vez que já têm a capacidade de ter em conta os desejos dos pais, leva os adolescente a não recorrer tanto aos pais, passando a ter uma atitude de maior autonomia. Isto não quer dizer que as relações com os pais sejam menos importantes, mas sim que já têm autonomia suficiente para assegurarem a sua segurança interna na exploração do mundo (Atger; cit. Guedeney e Guedeney, 2002).

Ao contrário do que se pensa, a autonomia dos adolescentes não é feita através do afastamento e isolamento em relação aos pais, mas sim na proximidade e na persistência com os pais, uma vez que existe a evolução dos processos cognitivos, os jovens têm noção que podem sempre recorrer aos pais se algo se passar com eles.

Como referenciado por Bowlby, é na adolescência que se deve fazer o equilíbrio entre a vinculação e a exploração activa do meio ambiente, uma vez que nesta fase os jovens devem explorar o meio de forma activa, de modo a desenvolverem e procurarem alcançar a sua autonomia. Segundo o autor, só se pode expandir a qualidade de vinculação se os jovens tiverem uma activação parente a exploração do meio (Atger; cit. por Guedeney e Guedeney, 2002). Esta activação parente a exploração do meio vai levar a uma maior autonomia por parte dos adolescentes, sendo que esta autonomia vai permitir aos jovens reavaliar as relações e qualidade de vinculação com os pais. É neste sentido que surge a meta cognição do sistema de vinculação. Os jovens tornam-se mais independentes, demonstrando um distanciamento das emoções, que é provocado pelas novas capacidades cognitivas, e que provoca nos jovens

uma capacidade de avaliar e reavaliar a vinculação criada com os pais (Main, 1991; cit. por Guedeney e Guedeney, 2002).

Os adolescentes vivenciam a adolescência e a vinculação de forma diferentes. Tudo depende do tipo de vinculação criada durante a infância (vinculação segura ou insegura), dependendo também dos modelos internos dinâmicos (Atger; cit. por Guedeney e Guedeney, 2002). Os adolescentes que têm maiores dificuldades nestas perspectivas de vinculação podem experimentar sentimentos de solidão, isto porque não encontram outra pessoa que possa preencher o espaço vincutivo ocupado pelos pais. Também os adolescentes que tenham passado por uma vinculação insegura relativamente às figuras parentais, podem revelar maiores dificuldades em confiar e de ter relações de intimidade com outra pessoa. Ou seja, os jovens têm representações cognitivas das experiências vincutivas com os pais, que vão facilitar ou dificultar o estabelecimento de relações vincutivas com outras pessoas.

Um estudo realizado por Bowlby (1988) veio evidenciar que os pais influenciam o desenvolvimento da criança, ou seja, existem evidência que o modelo vincutivo interiorizado na infância influencia as futuras relações vivenciadas na adolescência e na vida adulta. Portanto pode dizer-se que à medida que a criança cresce o modelo vincutivo interiorizado torna-se cada vez mais importante, uma vez que a criança tende a reproduzi-lo nas futuras relações (Bowlby 1988).

Bowlby (1984), vem mostrar que as relações com os pais, ou seja, os vínculos criados na infância, vão influenciar a forma como a criança contrói a sua personalidade e a sua autoconfiança, pois os pais transmitem modelos funcionais e representativos, de si mesmos, da criança e dos outros.

Segundo Freeman (1997), os jovens apenas substituem a vinculação criada com os pais, no final da sua adolescência.

Tendo em conta alguns estudos de Kobak (1993), os jovens cuja vinculação era segura, tinham maior capacidade para falar sobre assuntos difíceis com os pais, apresentando também uma maior capacidade de concentração para resolver o problema. Quanto aos jovens com vinculações inseguras, viam a intervenção da mãe como um ataque, infantizando a falta de compreensão dos pais na infância, o que os predispõe a uma maior tendência para a frustração e dificuldade ao nível da adaptação (Atger; cit. por Guedeney e Guedeney, 2002).

Durante toda a infância as crianças estabelecem laços de ligação com as figuras paternas, deixando um pouco de parte a relação com os pais. É durante toda a adolescência que esse padrão vai mudar, ou seja, os jovens com estas idades estão dispostos a ter contactos com outros jovens criando assim uma evolução no seu relacionamento, podendo mesmo a

transitara a vinculação com os pais para os pares (Atger; cit. por Guedeney e Guedeney, 2002).

Segundo Buhrmester (1992), nesta fase da adolescência as relações com os pares acontecem a longo prazo, sendo que são eles que vão ser as figuras de vinculação em todos os aspectos. Nesta altura da vida, a vinculação deixa de ser numa relação assimétrica (em que a criança está protegida pela figura parental), e passa a ser uma relação recíproca, em que os jovens partilham experiências e se apoiam mutuamente. (Allene Land, 1999; cit. por Guedeney e Guedeney, 2002).

As relações de vinculação inseguras, podem levar a que os jovens na adolescência criem um mau estar em relação à partilha de afectos conduzindo ao afastamento em relação aos pares (Kobak e Sceery, 1988; cit. por Guedeney e Guedeney, 2002). Deste modo, jovens que tenham tido algumas dificuldades de vinculação com os seus pais, podem ter uma adolescência mais complicada pois não têm as estruturas vinculativas seguras para se relacionarem afectivamente com o grupo de pares, aspecto que se torna mais visível no Ensino Secundário, de acordo com Kobak e Sceery (1988).

2.2. Solidão

2.2.1. Origem e conceitos da solidão:

Para a realização deste trabalho, torna-se pertinente descrever a solidão.

O estudo da solidão já vem de algum tempo, nomeadamente por Genesis na segunda metade do século XX. A solidão é considerada como “uma experiência desagradável que ocorre quando a rede de relações sociais do individuo apresenta um défice significativo, tanto qualitativo como quantitativo” (Perlman & Peplau 1981, pp.31. cit por Bastos & Costa, 2006). É descrita por Cassidy e Berlin (1999 cit. por Bastos & Costa 2001), como um sentimento negativo, pois as pessoas acreditam que os outros não estão presentes quando eles mais necessitam. Por sua vez, Winnicott (1957) define a solidão como sendo um sentimento influenciada pela qualidade da vinculação com as figuras parentais na infância.

De acordo com as definições apresentadas, é possível perceber que a solidão pode conduzir a certas consequências ao nível psicológico para as pessoas que a experienciam. Quando se fala de solidão, é necessário ter em conta que existem jovens com padrão para tal

experiência, como por exemplo, a timidez, as vinculações inseguras, ansiedade social, doenças físicas, agressões, entre outras. Portanto nem todas as pessoas estão predispostas para o sentimento de solidão (Bastos & Costa 2006).

Segundo Weiss (1973), nos estudos da Teoria das Necessidades Sociais, a solidão seria uma resposta a uma dificuldade relacional, facto que levou o autor a considerar que sempre que haja dificuldades acentuadas nas relações sociais será experienciado o sentimento de solidão. Neste sentido, o autor define dois tipos de solidão (Weiss 1973), a solidão social que diz respeito à percepção da pessoa de que a sua rede social não está construída da melhor forma, o que lhe provoca exclusão e conduz a pessoa à procura de uma rede social de apoio. O segundo tipo, é a solidão emocional, na qual as pessoas têm consciência que não têm uma rede social, ou uma relação vinciativa íntima onde se sintam seguros e compreendidos, o que o leva a procurar uma relação vinciativa onde se sintam bem. Neste dois tipos de solidão, a descrição é a de que as pessoas procuram sempre relações vinciativas quando não se sentem seguros nas suas, mas nem sempre isto acontece pois existem pessoas que não têm a coragem de procurar vínculos afectivos, surgindo o sentimento de solidão.

Um estudo realizado por DiTommaso e Spinner (1997, cit. por Bastos & Costa 2002) observa-se que os dois tipos de solidão apresentados por Weiss têm vertentes diferentes, ou seja, a solidão emocional parece estar mais ligada à qualidade de vinculação e a solidão social parece ter um carácter mais de integração social. Este estudo permitiu verificar que a solidão é uma dimensão multifacetada, tendo características diferentes mas ao mesmo tempo estando relacionado com a integração social.

Quando se estuda a solidão verifica-se que a adolescência é um período da vida em que se pode sofrer de maior solidão, isto porque, os jovens procuram uma maior autonomia e se afastam dos pais aquando do seu processo de vinculação para com os pares de amigos. Mas este processo de transição nem sempre é bem feito pois eles podem não encontrar ninguém que preencha os padrões vinciativos estabelecidos pelos pais. De acordo com Goossens e Marcoen (1993 cit. por Bastos & Costa, 2006) que definem a solidão como “o uso activo e construtivo do tempo passado só” aplica-se perfeitamente ao facto de ser na adolescência que se sente maior solidão, isto porque, os jovens começam a passar mais tempo sozinhos. Quando isso acontece os jovens podem perceber de várias formas o facto de estarem sozinhos, podem encarar isso bem, pois já desenvolveram essa capacidade na infância ou então encaram isso de forma negativa, pois não têm ninguém a quem se ligar intimamente.

O sentimento de solidão não é apenas sentido quando se dá a transição dos processos de vinculação para o grupo de amigos, ocorrendo também quando existe uma vinculação insegura com os pais, ou seja, quando os pais não foram capazes de transmitir segurança e satisfação das necessidades do jovem, quando existem dificuldades de relacionamento entre filhos e pais (Goossens e Marcoen, 1999 cit. por Batsos & Costa, 2006).

Pode identificar-se a solidão na relação parental como referido anteriormente, ou seja, na dificuldade de estabelecer relações de afecto, de segurança e ou de proximidade emocional. Isto é os pais podem mostrar dificuldades nos aspectos mencionados atrás levando os filhos a experienciar a solidão nas relações familiares pais (Goossens e Marcoen, 1999 cit. por Batsos & Costa, 2006).

Em suma, o sentimento de solidão pode vir de várias formas, mas essencialmente dá-se quando uma pessoa passa maior parte do tempo sozinha e sente que não tem ninguém com quem partilhar situações. Este sentimento pode vir por vários motivos como referidos anteriormente, como a timidez, a depressão, a ansiedade social e a vinculação insegura. Dá-se maior parte do tempo na adolescência, pois é uma fase de mudanças extremas do jovem, quando procuram uma maior independência afastando-se dos pais e das relações estáveis que mantinham com eles.

2.2.2. Causas da solidão e diferenças no Género

Quando se fala de solidão pensa-se que a população alvo por norma são os idosos, mas alguns estudos realizados mostram que a população alvo por norma são os jovens. Diz-se que a solidão tem tendência para diminuir com a idade. No estudo realizado por Rubenstein, Shaver e Pelpau (1979) confirma-se que de facto os jovens adolescentes têm maior tendência para experienciar solidão, sendo que 79% dos sujeitos com menos de 18 anos afirmaram que se sentiam sozinhos algumas vezes ou muitas vezes. Estes resultados poderão derivar de vários factores, como as transições sociais nesta faixa etária, as expectativas demasiado elevadas acerca da sua vida social, o mundo social muda à medida que se tornam mais velhos. Considera-se que os jovens de hoje vivem mais a solidão pois são mais encorajados a expressar os seus sentimentos mais abertamente.

Sullivan (1953), afirma que a solidão se desenvolve na pré-adolescência, pois é quando surge necessidade de se ser bem sucedido na intimidade. Segundo Weiss (1973) e Wood (1994) é na adolescência é o momento onde a solidão é vivida com maior intensidade e

de forma mais generalizada, pois existem novas necessidades interpessoais e de intimidade. Estas necessidades por vezes não são satisfeitas levando assim ao sentimento de solidão (Maria P., 2009).

Sabe-se que é na adolescência que podem ocorrer de forma mais intensa os sentimentos de solidão, pois existem muitas mudanças sociais para as quais alguns jovens ainda não estão preparados. Mas será que a questão do género também é um indicador a ter em conta. Por norma tem-se a tendência para afirmar que as mulheres são mais emotivas, têm reacções emocionais mais negativas e que por isso teriam uma maior tendência para experienciar o sentimento de solidão. No entanto, estudos realizados tendo em conta a escala de solidão UCLA não mostra diferenças em termos do género, não há diferenças entre género, pois esta escala não questiona directamente sobre a solidão.

Outros estudos realizados por Weiss (1973), indicam que as mulheres estão mais próximas de se sentirem sozinhas que os homens. Neste estudo foram usados questionários que focam de forma directa a solidão. Sendo assim, não existem respostas concretas acerca das diferenças de género. Mas sabe-se que quando a escala da solidão é indirecta os homens têm maior tendência para expressarem a sua solidão de forma mais livre. Quando a escala usa questões directas, as mulheres assinalam mais frequentemente a solidão.

Torna-se importante averiguar esta questão do género para futuras investigações.

2.2.3. Influência dos pais no sentimento de solidão

Por norma os pais e os companheiros são modos de socialização das crianças. No entanto sabe-se que os relacionamentos pais-crianças têm implicações nos relacionamentos com os companheiros (Parke e Ladd, 1992; K.H.Rubin, 1994), uma vez que as estratégias parentais de socialização são induzidas nas crianças e usadas por elas nas interacções sociais. Outra influência é a educação transmitida pelos pais que se vai reproduzir na interacção com os companheiros, ou seja, na forma como brincam e estão. No fundo os pais são gestores da vida social das crianças, pois são eles que proporcionam o contacto com outras crianças, na medida que são eles que decidem com quem devem brincar e estar.

A influência dos pais pode ser positiva ou negativa. Positiva, quando os pais tomam iniciativa para que os filhos se relacionem com os companheiros, e negativa quando os pais não deixam os filhos se relacionarem com os companheiros.

Diz-se assim que podem existir dois tipos de influências no sentimento de solidão, as directas e as indirectas. A influência directa revela-se quando os pais são educadores e gestores dos relacionamentos com os companheiros, ou seja, os pais tentam facilitar o contacto para que a criança assimile a cultura do companheiro. Nas indirectas, a qualidade da actividade vivida na família afecta a natureza dos relacionamentos com os companheiros. Esta vinculação é um indicador fiável do futuro relacionamento com os companheiros. Ela deriva da sensibilidade da mãe ao bebé nos primeiros meses de vida, acreditando-se que existe uma associação entre as características maternas e a capacidade da criança para construir relacionamentos com os companheiros. Um relacionamento indirecto mas que é mediado por modelos interiores de funcionamento, são estabelecidos através de vinculação e tendem a ser generalizados a outros relacionamentos criados pela criança. A criança cria uma confiança na vinculação e acaba por transportar para outras esferas sociais.

Deste modo, é possível afirmar que os pais têm influência nos futuros relacionamentos dos filhos, isto é, são os pais que vão ensinar as crianças a interagir com outras pessoas. Portanto confirma-se que a forma como estes educam e se vinculam aos filhos vai ter influência na forma como as crianças se vão relacionar com outras pessoas no futuro.

2.2.4. Relação de Pares e Amizade:

O sentimento de solidão poderá ser vivido de várias formas, mas é na adolescência que existem imensas mudanças, denotando-se que os jovens estão mais predispostos a experienciarem esse mesmo sentimento.

Será necessário na fase da adolescência passar a figura vinculativa dos pais para o grupo de pares, para que possa existir uma compreensão e uma ajuda mútua, de forma a serem adquiridas competências sociais, que vão permitir aos jovens um boa relação com o grupo de pares (Allen, 2004).

A adolescência é um período onde ocorrem transformações, onde os jovens estão mais disponíveis para relações de amizade, onde existe compreensão e afecto por parte dos outros e se dão as descobertas e se começam a relacionar, afastando-se um pouco da vinculação com os pais. Contudo, existem adolescentes que apresentam maiores dificuldades ao nível das competências sociais, uma vez que podem ter passado por uma vinculação insegura com as figuras paternas, levando a que tenham desconfianças para com os outros, o que inevitavelmente conduz ao afastamento em relação ao grupo de pares (Kobak e Sceery, 1988;

cit. por Guedeney e Guedeney, 2002). Sendo assim, as relações de amizade e de popularidade têm imensa importância no estudo da solidão. Ser popular e ter amigos não é a mesma coisa, pois é normal que crianças populares não tenham amigos especiais. Crianças ditas não populares por norma têm um ou dois amigos (Rudolph Schaffer, 1996). Este aspecto da amizade é muito importante pois maior parte das crianças que não têm amigos sentem-se sozinhos, ou seja, vivem a solidão.

Quando as crianças estão privadas de experienciar pertença social tendem a perder a auto-estima e a conduzir a um enorme sofrimento.

As crianças sentem falta da amizade não é de admirar uma vez que estes preenchem uma quantidade de funções importantes, pois fornecem companhia e divertimento que é a mais valia para as crianças.

As amizades são contextos em que as crianças podem adquirir ou elaborar aptidões sociais básicas, como a comunicação social e a cooperação. Proporcionam às crianças auto-conhecimento, conhecimento dos outros e do mundo. Dão às crianças apoio emocional em situações de tensão. E são precursores de relacionamento subsequente na medida em que proporcionam experiência de lidar com a intimidade e a regulação mútua.

A criança sem amigos pode desenvolver-se de forma aceitável para a sociedade, mas as amizades proporcionam um campo onde os sentimentos de auto valor são promovidos a um ponto em que, a partir da pré-adolescência não se vê noutros relacionamentos e onde pode ser possível que o jovem tenha dificuldades em revelar a sua intimidade com membros da família.

Na adolescência dá-se a diminuição das amizades (Hartup, 1992), embora haja um aprofundamento dos relacionamentos, o que acaba por compensar. Esta diminuição deve-se à forma como se vê os amigos, passando-se a ver como a partilha de sentimentos, pensamentos privados e auto-revelação, ou seja, uma intimidade. É um reflexo de transformação do envolvimento com os pais no envolvimento com os companheiros (Youniss e Smollar, 1985). Este facto é mais visível nas raparigas, uma vez que estão mais preparadas para partilhar segredos e revelar coisas sobre si próprias do que os rapazes. As raparigas são mais orientadas para os relacionamentos interpessoais enquanto os rapazes estão mais virados para a acção e a realização (Rudolph Schaffer, 1996).

2.2.5. Vinculação e Solidão:

Um ponto importante neste trabalho é verificar se a qualidade de vinculação pode ter implicações no sentimento de solidão.

Isto é, a solidão e a vinculação parecem estar interligadas no desenvolvimento dos jovens, ou seja, quando a vinculação é segura não existe tanta possibilidade dos jovens sentirem solidão, mas isto não quer dizer que não o sintam podem é lidar de forma mais positiva com esse sentimento procurando alternativas para que não se sintam sozinhos. Quando existe uma vinculação insegura ou ansiosa os jovens como a partida já têm uma percepção negativa da vinculação que mantém com os pais, torna-se mais difícil estabelecerem uma relação com outras pessoas, pois não se sentem confiantes nem confortáveis em relações íntimas com outras pessoas, o facto de isso acontecer leva-os a experienciar a solidão.

Bernnam (1982), aponta para que a solidão ocorre particularmente na adolescência, uma vez que é neste momento que se desenvolvem a intimidade com os pares deslocando a vinculação parental para a relação entre os pares. Bastos & Costa (2005) vem mostrar conformidade com este aspecto, pois afirmam que os modelos internos dinâmicos que os jovens têm em relação à vinculação parental vai influenciar os pensamentos e as formas como estes se vão relacionar com os pares, querendo com isto dizer que a forma como a criança percebe a sua relação com a figura vinculativa e se percebe a si mesmo pode levar ou não ao sentimento de solidão. Deste modo e segundo Bastos & Costa (2005), considera-se que os modelos internos dinâmicos são fundamentais nas futuras relações estabelecidas pelos jovens, ou seja, o modelo interno do jovem pode dar-se de várias formas: se for um modelo de vinculação insegura os jovens têm tendência para não se sentirem valorizados pelos outros o que conduz a um sentimento de solidão; se o modelo presente for de uma vinculação em que os pais não foram capazes de transmitir, confiança e segurança e tenham tido dificuldade em satisfazer as necessidades da criança, pode levar também ao sentimento de solidão uma vez que os jovens não se vão sentir seguros nas relações com os outros, uma vez que têm em mente a relação insatisfatória com as figuras de vinculação; e por último um modelo interiorizado como rejeitante pode conduzir também ao sentimento de solidão, uma vez que os pais não responderam aos seus desejos e necessidades eles acreditam que na relação com os pares tais desejos também não serão satisfeitos. Este aspecto está em conformidade com o que foi apresentado por Rubenstein e Shaver (1982), que defendiam que quando a vinculação é insegura ou quando existe uma vinculação que não é segura os jovens tendem para experienciar sentimentos de solidão pois não têm presente uma relação de intimidade, tal facto é mais visível em jovens adolescentes pois estão no início das relações íntimas com os

pares. Segundo Kerns & Stevens (1995), os jovens com vinculações seguras têm mais facilidade em criar e manter relações de proximidade.

Deste modo, torna-se de extrema importância a investigação que se pretende realizar, uma vez que tem como objectivo verificar se a qualidade de vinculação se relaciona com o sentimento de solidão e se à partida quando existe uma vinculação segura os jovens adolescentes têm uma melhor forma para lidar com a solidão.

2.2.6. Diferença no Género

Neste estudo sobre a correlação entre a qualidade de vinculação e o sentimento de solidão o que se pretende é verificar se existem diferenças em relação ao género, portanto tornou-se pertinente pesquisar acerca de estudos anteriores. Tendo em conta alguns estudos anteriores, verificou-se que nível da vinculação não existem diferenças significativas no género (Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva & Antunes, 2012).

No entanto outros estudos de Cabral (2009 cit. por Gouveia & Matos, 2011), mostram que analisando o questionário da vinculação, existem alguns pontos de diferença em relação ao género, apresentando as raparigas níveis superiores nas dimensões de qualidade do laço emocional e da ansiedade de separação e os rapazes níveis superiores na inibição da exploração e na individualidade. Estudos realizados por Ramalho (2008, cit. por Gouveia & Matos, 2011) evidência o mesmo resultado acima referido, que de facto as raparigas mostram níveis mais elevado face a determinadas dimensões, como na dimensões de qualidade do laço emocional e da ansiedade de separação, sendo que os rapazes evidenciam números elevados noutras dimensões.

Conclui-se que a literatura ainda não mostra um ponto de concordância face às diferenças de género na vinculação, portanto, aponta-se para que não haja diferenças significativas nos géneros, mas quando analisadas as dimensões do questionário separadamente evidenciam-se algumas.

Em relação às diferenças de género face à solidão, aponta-se para que as raparigas tenham níveis superiores, pois por norma falam mais abertamente sobre os sentimentos. Alguns estudos em que se usou a escala da solidão UCLA não mostram diferenças significativas em termos do género. Outros estudos realizados por Weiss (1973), em que se usou outra escala mostram que as raparigas se sentem mais sozinhas que os rapazes.

Estudos desenvolvidos por Uruk e Demir (2003), cujo objectivo se centrava na averiguação das causas pelas quais surge o sentimento de solidão, usando variáveis como a relação com os pares, a estrutura familiar e as variáveis demográficas e psicossociais, apresentam como resultados os seguintes valores: 41% derivava das relações com os pares, 34% da estrutura familiar, 14% as variáveis demográficas e 3% das variáveis interpessoais.

Através destes estudos, é visível que não existe consenso a nível das diferenças, mas a literatura indica que quando a escala da solidão é indirecta os homens têm maior tendência para expressarem a sua solidão de forma mais livre. Quando a escala usa questões directas, as mulheres assinalam mais frequentemente a solidão.

Denota-se que não existe ainda uma resposta concreta acerca das diferenças de género na solidão. No entanto, quando se analisa as diferenças tanto na vinculação como na solidão verifica-se que o facto das raparigas terem níveis superiores nas dimensões de qualidade do laço emocional e da ansiedade de separação pode conduzir à solidão. Isto porque, são dimensões que visam experiência a dois. Se na relação com os pais estas dimensões não foram satisfeitas totalmente, nas relações futuras será difícil de se estabelecer estas relações, levando assim à possível solidão.

Deste modo, denota-se a extrema importância em se verificar os resultados desta investigação, pois vão indicar se a qualidade de vinculação leva ao sentimento de solidão na adolescência e se existem diferenças face ao género dos jovens.

2.2.7. Questão de Investigação

Será que a qualidade de vinculação se relaciona com o sentimento de solidão nos adolescentes? Qual será o género mais afectado?

Esta questão de investigação surge, tendo em conta várias pesquisas feitas. Em que os autores evidenciam correlação entre estas duas variáveis.

Segundo estudos de Kobak (1993), os jovens cuja vinculação é segura, têm facilidade em resolver problemáticas e em estabelecer uma maior ligação com outras pessoas.

Os jovens cuja vinculação é insegura, têm uma maior dificuldade em estabelecer relações, uma vez que cognitivamente têm presente a vinculação aos seus pais dificultando a relação com outras pessoas (Atger; cit. por Guedeney e Guedeney, 2002).

Tendo em conta que é na adolescência que se altera o padrão de vinculação, jovens cuja qualidade de vinculação é insegura, na adolescência criem um mau estar em relação a

partilha de afectos conduzindo ao afastamento em relação aos pares (Kobak e Sceery, 1988; cit. por Guedeney e Guedeney, 2002). Tendo dificuldades na capacidade para se relacionarem afectivamente com o grupo de pares. Este aspecto é mais visível no Ensino Secundário segundo Kobak e Sceery (1988).

Sendo assim, é neste sentido que entra o estudo sobre a solidão, uma vez que dependendo da qualidade de vinculação vivenciada na infância. Os adolescentes relacionam-se de forma diferente com o grupo de pares ou outras pessoas significativas, podendo experienciar a solidão pois têm um padrão de vinculação inseguro interiorizado.

Portanto é de extrema importância concluir se de facto a qualidade de vinculação esta relacionada com o sentimento de solidão. E verificar também se existem diferenças significativa em relação ao género.

Como referido anteriormente ainda não existe um consenso em termos das diferenças de género, será assim importante verificar os resultados deste estudo.

3. Método

3.1. Delineamento:

Este estudo é de cariz exploratório de cariz quantitativo, portanto o objectivo é relacionar a vinculação com a solidão, nomeadamente verificar se a qualidade de vinculação influencia o sentimento de solidão e em qual dos géneros esse sentimento é mais evidente. Se à partida quando existe uma vinculação segura os jovens adolescentes têm uma melhor forma para lidar com a solidão, ou se o facto de uma vinculação insegura leva à solidão.

3.2. Participantes:

Este estudo tem uma amostra aleatória de “100” jovens adolescentes, de uma escola de Lisboa, com idades compreendidas entre os 13 anos e os 20 anos de idade.

Os participantes frequentam o ensino secundário em turmas do 7º ao 9º ano.

3.3. Procedimento:

Numa primeira fase foi contactada a direcção da escola, com a finalidade de pedir autorização para a recolha de dados, onde se explicou todo o procedimento e o objectivo do estudo.

Num segundo contacto foram entregues à Direcção as autorizações destinadas aos alunos.

Posteriormente à recolha das autorizações, os investigadores dirigiram-se à Escola no horário combinado para proceder à recolha nas aulas de Formação Cívica. Começou por se explicar o projecto aos alunos e aos professores, dando espaço para tirar qualquer dúvida. Foi também explicado que aos alunos que as suas respostas seriam confidenciais, visando unicamente fins científicos, não havendo respostas certas ou erradas.

Os instrumentos foram aplicados em grupo, num contexto de sala de aula demorando aproximadamente 30 minutos.

3.4. Instrumentos:

Usaram-se dois instrumentos nesta investigação. Um deles visa avaliar a qualidade de vinculação tanto com a mãe como com o pai (*Kerns Security Scale*) e o outro pretende avaliar a solidão (*Relational Provision Questionnaire*).

De seguida será feita a descrição de forma mais detalhada de ambos os instrumentos.

Representações de Vinculação

Este questionário visa avaliar a qualidade da vinculação tanto com a mãe como com o pai. Foi usada uma adaptação da *Kerns Security Scale* (Kerns, Klepac & Cole, 1996) por Correia, Freitas, Santos e Veríssimo (2011), para amostras portuguesas.

Este questionário é constituído por 15 itens, com a finalidade de se verificar a segurança da relação de vinculação dos adolescentes aos pais. O questionário divide-se em três partes, 1) a confiança que o adolescente tem na disponibilidade e responsividade das suas figuras de vinculação; 2) a sua tendência para recorrer a elas em momentos de ansiedade/stress; e 3) a facilidade e o interesse em comunicar com elas.

Os itens são divididos, uma parte deles diz respeito à mãe e a outra parte diz respeito ao pai, tendo também como opção outras figuras parentais com quem residam.

Este questionário tem como respostas as seguintes opções: “alguns jovens, outros jovens” (e.g. “Para alguns jovens é fácil confiar nos seus pais **MAS** Outros jovens não têm a certeza se podem confiar nos seus pais”). É pedido aos adolescentes que indiquem a afirmação que mais se adequa a cada um, sendo que depois têm duas opções de identificação (“Exactamente como eu” ou “Mais ou menos como eu”).

A cotação é feita de 1 a 4, sendo que o valor mais alto indica uma maior qualidade de vinculação, ou seja, mais confiança em relação aos pais.

Sentimento de Solidão

Relational Provision Questionnaire (Hayden, 1989)

Este questionário tem como finalidade avaliar a solidão em adolescentes. Avalia mais especificamente dois aspectos: 1) a integração no grupo; 2) a intimidade pessoal; sendo estes aspectos vivenciados em dois contextos distintos: o grupo de pares e a família. É constituído por 34 itens, divididos em quatro sub-escalas, sendo elas, a ausência de integração no grupo

de pares; e a família; a ausência de intimidade com os pares ; e com a família. Estas sub-escalas avaliam a falta de integração e intimidade, ou seja, o nível de solidão.

Este questionário tem como alternativa de resposta 5 pontos, sendo eles, (1-nunca; 2-raramente; 3- moderadamente; 4- frequentemente; 5-sempre).

Sendo que a cotação é feita de igual forma, de 1 a 5 pontos. O valor mais alto evidência um comportamento de integração e intimidade com o grupo de pares e com a família.

Os dados foram depois analisados através do *software SPSS Statistics 17.0.0*.

4. Resultados

Nesta secção serão apresentados os resultados obtidos. Numa primeira fase, será apresentada a média e o desvio padrão de cada questionário. Numa segunda fase, será evidenciada uma tabela que vista mostrar a correlação entre a Kerns Security Scale e a Relational Provision Questionnaire.

4.1. Estatística Descritiva na escala Kerns Security Scale

Tabela 1- Estatística descritiva da Kerns Security Scale

	Média	Desvio Padrão
<i>Dependência e Pai</i>	2,34	0,36
<i>Disponibilidade e Pai</i>	2,97	0,81
<i>Dependência e Mãe</i>	2,24	0,32
<i>Disponibilidade e Mãe</i>	3,32	0,68
<i>Segurança e Pai</i>	2,80	0,59
<i>Segurança e Mãe</i>	2,88	0,52

A Tabela 1, pertence representar as 6 sub-escalas avaliadas.

A Dependência e Pai teve uma média de 2,34. A Disponibilidade e Pai teve uma média de 2,97. A Dependência e Mãe uma média e 2,24. A Disponibilidade e Mãe teve uma média de 3,32. A Segurança e Pai uma média de 2,80 e a Segurança e Mãe uma média de 2,88.

Sendo que a escala é avaliada de 1 a 4 pontos, pode dizer-se que a sub-escala Disponibilidade e Mãe teve uma média mais elevada e mais próxima da pontuação máxima.

4.2. Estatística Descritivas da escala Relational Provision Questionnaire

Tabela 2- Estatística descritiva da Relational Provision Questionnaire

	Média	Desvio Padrão
<i>Intimidade e Pares</i>	4,39	0,75

<i>Integração e Família</i>	3,99	0,95
<i>Intimidade e Família</i>	4,18	0,99
<i>Integração e Pares</i>	3,84	0,63

A Tabela 2, pertence representar as 4 sub-escalas avaliadas pela Relational Provision Questionnaire.

As médias das 4 sub-escalas foram as seguintes, a Intimidade e Pares teve um resultado de 4,39. A Integração e Família obteve uma média de 3,99. A Intimidade e Família 4,18 e a Integração e Pares obteve um resultado de 3,84.

A pontuação desta escala varia entre 1-5, sendo que a pontuação máxima é de 5 pode dizer-se que a Intimidade e Pares obteve um resultado mais próximo

4.3. Correlação entre as duas escalas Kens Security Scale e a Relational Provision Questionnaire

Tabela 3- Correlação entre a Kens Security Scale e a Relational Provision Questionnaire

		DEPEP	DISPP	DEPEM	DISPM	SEGP	SEGM
<i>Intimidade Pares</i>	<i>Correlação Pearson</i>	,173	,038	,091	,062	,014	,093
	<i>Sig.</i>	,091	,715	,371	,546	,895	,361
	<i>N</i>	97	96	98	98	97	98
<i>Integração Fam</i>	<i>Correlação Pearson</i>	-,287**	,442**	-,374**	,356**	,524**	,506**
	<i>Sig.</i>	,004	,000	,000	,000	,000	,000
	<i>N</i>	97	96	98	98	97	98
<i>Intimidade Fam</i>	<i>Correlação Pearson</i>	-,182	,312**	-,357**	,359**	,374**	,515**
	<i>Sig.</i>	,074	,002	,000	,000	,000	,000
	<i>N</i>	97	96	98	98	97	98
<i>Integração Pares</i>	<i>Correlação Pearson</i>	-,144	,178	-,102	,134	,198	,170
	<i>Sig.</i>	,161	,083	,316	,187	,052	,094
	<i>N</i>	97	96	98	98	97	98

A Tabela 3, visa mostrar as correlações entre a Kerns Security Scale e a Relational Provision Questionnaire. Pode dizer-se que quanto à sub-escala Integração e Família, foram evidentes algumas correlações significativas com as sub-escalas da Kerns Security Scale. Pois em relação à Dependência e Pai teve um resultado de ($r=-0,287$, $p<0,05$), existe uma correlação negativa, ou seja, um resultado que evidencia que quanto maior a dependência ao

pai menor a integração na família. A Disponibilidade e Pai teve um valor de ($r=0,442$, $p<0,05$), este valor mostra que existe uma correlação positiva, isto é, quanto maior a disponibilidade do pai maior a integração na família. A sub-escala Dependência e Mãe teve um resultado de ($r=-0,374$, $p<0,05$), há uma correlação negativa, este resultado evidencia que quanto maior a dependência da mãe menor a integração na família. A Disponibilidade e Mãe teve um valor de ($r=0,356$, $p<0,05$), portanto existe uma correlação positiva, ou seja, quanto maior a disponibilidade da mãe maior a integração na família. Em relação à Segurança e Pai o resultado foi de ($r=0,524$, $p<0,05$), isto é, quanto maior a segurança ao pai maior a integração na família, mostrando assim uma correlação positiva. E por último a Segurança e Mãe teve um valor de ($r=0,506$, $p<0,05$), ou seja, existe uma correlação positiva que evidencia que quanto maior a segurança à mãe maior a integração na família.

Em relação à sub-escala Intimidade e Família e a sua correlação com as sub-escalas do Kerns Security Scale, obteve-se resultados significativos que evidenciam correlações. A sub-escala Dependência e Pai teve um valor de ($r=-0,182$, $p>0,05$), ou seja, não existe nenhuma correlação entre estas duas sub-escalas. A Disponibilidade e Pai teve um valor de ($r=0,312$, $p<0,05$), o que significa que existe correlação positiva, ou seja, quanto maior a disponibilidade do pai maior a intimidade na família. Na Dependência e Mãe o valor foi de ($r=-0,357$, $p<0,05$), existe uma correlação negativa, isto é, quanto maior a dependência com a mãe menor a intimidade com a família. Na sub-escala Disponibilidade e Mãe o resultado foi o seguinte ($r=0,359$, $p<0,05$), existe uma relação positiva, ou seja, quanto maior a dependência com a mãe maior a intimidade com a família. Em relação à Segurança e Pai o valor foi de ($r=0,374$, $p<0,05$), existe uma correlação positiva que mostra que quanto maior a segurança ao pai maior a intimidade com a família. Na última sub-escala da Segurança e Mãe o resultado foi o seguinte ($r=0,515$, $p<0,05$), portanto há uma correlação positiva que mostra que quanto maior a segurança à mãe maior a intimidade com a família.

Em suma, as sub-escalas relacionadas com a família mostram correlações positivas e negativas tendo em conta as sub-escalas da Kerns Security Scale. É de notar que as correlações negativas são aquelas que estão ligadas à Dependência ao Pai e à Mãe, sendo que quanto maior a dependência menor a integração e a intimidade na família, ou seja, maior a probabilidade de existir o sentimento de solidão.

Pode concluir-se também que as sub-escalas dos Pares não apresentam resultados significativos, ou seja, não existem correlações evidentes, uma vez que todos os valores p são superiores a 0.05.

De seguida será apresentada uma análise de variância resultante da ANOVA *one-way*, onde se pode constatar as diferenças de médias das meninas e dos meninos em relação às sub-escalas de cada questionário.

4.4. Diferenças entre géneros nas duas escalas **Kens Security Scale** e a **Relational Provision Questionnaire**

Esta análise permite identificar o objectivo principal deste estudo, ou seja, verificar se existem diferenças significativas na qualidade de vinculação e no sentimento de solidão, em função do género.

Tabela 4- Análise de Variância: diferenças de médias entre meninos e meninas

RAPARIGAS		
Sub-escalas	Média	Desvio padrão
Dependência e Pai	2.44	0.33
Disponibilidade e Pai	2.98	0.91
Dependência e Mãe	2.26	0.34
Disponibilidade e Mãe	3.36	0.75
Segurança e Pai	2.76	0.77
Segurança e Mãe	2.93	0.61
Confiança e Pai	2.62	0.62
Confiança e Mãe	2.78	0.80
Integração e Pares	3.81	0.66
Intimidade e Pares	4.57	0.67
Integração e Família	3.90	0.98
Intimidade e Família	4.27	0.99

RAPAZES		
Sub-escalas	Média	Desvio padrão
Dependência e Pai	2.22	0.36
Disponibilidade e Pai	2.97	0.68
Dependência e Mãe	2.21	0.28
Disponibilidade e Mãe	3.28	0.58
Segurança e Pai	2.85	0.66
Segurança e Mãe	2.83	0.40
Confiança e Pai	2.71	0.42
Confiança e Mãe	2.64	0.58
Integração e Pares	3.87	0.61
Intimidade e Pares	4.16	0.80
Integração e Família	4.09	0.90
Intimidade e Família	4.06	0.99

Tendo em conta a análise de variância verifica-se em relação aos rapazes que as médias superiores são ao nível da Disponibilidade da Mãe (3.28), na Intimidade e Pares (4.16), na Integração e Família (4.09) e na Intimidade e Família (4.06). Isto significa que os rapazes mostram maior tendência a estes níveis. Em relação a análise de variância tendo em conta as raparigas, as médias mais elevadas são a Integração e Pares (3.81), a Intimidade e Pares (4.57), a Integração e Família (3.90) e a Intimidade e Família (4.27).

Quando se compara os meninos e as meninas, verifica-se que existem algumas diferenças em relação às médias. Os meninos apresentam apenas em 4 sub-escalas médias superiores que as meninas, sendo elas a Segurança e Pai (2.85>2.76), a Confiança e Pai (2.71>2.62), a Integração e Pares (4.16>3.81) e na Integração na Família (4.06>3.90). Conclui-se assim, que as raparigas têm médias mais elevadas em quase todas as sub-escalas.

Analisando as sub-escalas em separados, constata-se que, tanto as meninas como os meninos apresentam médias mais elevadas ao nível das sub-escalas relacionada com a Solidão (Relational Provision Questionnaire). No entanto, as meninas apresentam médias mais elevadas nas sub-escalas que avaliam a qualidade de vinculação (Kens Security Scale), excepto aquelas que se relacionam com a figura paterna, pois nessas sub-escalas as médias mais elevadas são as dos meninos.

Verifica-se que meninas e meninos apresentam médias bastante significativas em relação à escala que avalia a solidão, no sentido que de 1 a 5 pontos possíveis a média dos meninos ronda os 4.04 e as meninas apresentam como média 4.13. mostrando-se bastante

integrados em relação à família e aos pares. Em relação à qualidade de Vinculação, também as meninas apresentam uma média superior (2.76) que os meninos (2.71). Sendo que as respostas variam de 1 a 4 pontos constata-se que tanto as meninas como os meninos apresentam uma média significativa que mostra uma boa qualidade de vinculação.

4.5. Análise da tabela ANOVA *one-way* diferenças nas médias

Tendo em conta a análise ANOVA *one-way* verifica-se que existem diferenças significativas nas médias de apenas duas sub-escalas, sendo elas a Dependência e Pai ($p=0.003<0.05$) e na sub-escalas Intimidade e Pares ($p=0.006<0.05$).

Em seguida, realizou-se uma Correlação de Pearson, para verificar se existem correlações entre a qualidade de vinculação e o sentimento de solidão tendo em conta apenas as respostas das meninas.

4.6. Correlação entre a Kers Security Scale e a Relational Provision Questionnaire tendo em conta as meninas

Tabela 5- Correlação entre os 2 questionários tendo em conta as meninas

		DEPEP	DISPP	DEPEM	DISPM	SEGP	SEGM	CONFP	CONFM
<i>Integração Pares</i>	Correlação Pearson	-,103	,105	-,150	,187	,191	,276*	,273	,296*
	Sig. (2-tailed)	,467	,465	,278	,176	,174	,043	,050	,030
	N	52	51	54	54	52	54	52	54
<i>Intimidade Pares</i>	Correlação Pearson	,127	-,076	,025	-,023	,001	,121	,091	,218
	Sig. (2-tailed)	,368	,596	,860	,871	,996	,385	,520	,113
	N	52	51	54	54	52	54	52	54
<i>Integração Família</i>	Correlação Pearson	-,270	,515**	-,401**	,519**	,557**	,661**	,524**	,681**
	Sig. (2-tailed)	,053	,000	,003	,000	,000	,000	,000	,000
	N	52	51	54	54	52	54	52	54
<i>Intimidade Família</i>	Correlação Pearson	-,281*	,284*	-,452**	,423**	,349*	,545**	,356**	,569**
	Sig. (2-tailed)	,044	,044	,001	,001	,011	,000	,010	,000
	N	52	51	54	54	52	54	52	54

Legenda: * $p<.05$; ** $p<.01$

A Tabela 5 vem mostrar a correlação entre as 8 sub-escalas que avaliam a qualidade de vinculação e as 4 sub-escalas que avaliam o sentimento de solidão tendo em conta apenas as meninas. Neste sentido verificam-se alguns resultados significativos, nomeadamente no que diz respeito à correlação entre a Segurança e Mãe e a Integração e Pares ($r=0.276$; $p<0.05$). Existe uma correlação positiva que mostra que quanto maior a Segurança e Mãe maior a Integração e Pares. Outra correlação significativa verifica-se entre a Confiança e Mãe e a Integração e Pares ($r=0.296$; $p<0.05$), o que significa que quanto maior a confiança na mãe maior a integração em pares.

Outras dimensões em que se evidencia resultados significativas são a correlação positiva entre a Disponibilidade e Pai e a Integração e Família ($r=0.515$; $p<0.01$), que significa que quanto maior a disponibilidade do pai maior a integração na família. Quanto à Integração e Família e a sua correlação com a sub-escala Dependência e Mãe, mostrou uma correlação negativa ($r=-0.401$; $p<0.01$) o que significa que quanto maior a dependência da mãe menor a integração na família. As sub-escalas que avaliam a Disponibilidade e Mãe e a Integração e Família mostram uma correlação positiva ($r=0.519$; $p<0.01$), portanto quanto maior a Disponibilidade da Mãe maior a Integração na Família. Nas sub-escalas Segurança e Pai e Integração na Família evidencia uma correlação positiva ($r=0.557$; $p<0.01$). No que concerne as sub-escalas Seguranças e Mãe e Integração e Família obtiveram uma correlação positiva ($r=0.661$; $p<0.01$), ou seja, quanto maior a Segurança na mãe maior também a integração na família. nas sub-escalas Confiança e Pai e Integração e Família os resultados mostram uma correlação positiva ($r=0.524$; $p<0.01$). Por último, as sub-escalas que avaliam a Integração e Família e a Confiança e Mãe, mostram resultados positivos ($r=0.681$; $p<0.01$), isto é, uma correlação positiva que evidencia que quanto maior a confiança na mãe maior a integração na família.

As correlações entre a sub-escala Intimidade e Família tendo em conta as sub-escalas que avaliam a qualidade de vinculação, mostraram resultados significativos. Deste modo, a correlação entre a Intimidade e Família e a Dependência e Pai mostram correlações negativas ($r=-0.281$; $p<0.05$), isto é, quanto maior a dependência do pai menor a intimidade na família. Em relação à correlação entre a Disponibilidade e Pai e a Intimidade e Família houve resultados significativos ($r=0.284$; $p<0.05$), ou seja, uma correlação positiva que significa que quanto maior a disponibilidade do pai maior a intimidade na família. na Intimidade e Família e a Dependência e Mãe constata-se uma correlação negativa ($r=-0.452$; $p<0.01$), ou seja, quanto maior a dependência da mãe menor a intimidade na família. nas sub-escalas Intimidade e Família e a Disponibilidade e Mãe obteve uma correlação positiva ($r=0.423$;

$p < 0.01$), isto é, quanto maior a disponibilidade da mãe maior a intimidade na família. Os resultados das sub-escalas Intimidade e Família e a Segurança e Pai são de uma correlação positiva ($r = 0.356$; $p < 0.01$), portanto quanto maior a segurança no pai maior a intimidade na família. No que diz respeito aos resultados das sub-escalas Intimidade e Família e a Segurança e Mãe mostram correlações positivas ($r = 0.545$; $p < 0.01$). Nas sub-escalas Confiança e Pai e a Intimidade e Família as correlações foram positivas ($r = 0.356$; $p < 0.01$), isto é, quanto maior a confiança no pai maior a intimidade na família. Por último as sub-escalas Intimidade e Família e a Confiança e Mãe mostram correlações positivas ($r = 0.569$; $p < 0.01$), portanto, quanto maior a confiança na mãe maior a intimidade na família.

No sentido de se perceber as diferenças de género foi feita uma nova Correlação de Pearson para avaliar as correlações entre a qualidade de vinculação e o sentimento de solidão mas desta vez apenas com as respostas por parte dos meninos.

4.7. Correlação entre a Kens Security Scale e a Relational Provision Questionnaire tendo em conta os meninos

Tabela 6- Correlação entre as sub-escalas do 2 questionários tendo em conta os meninos

		DEPEP	DISPP	DEPEM	DISPM	SEGP	SEGM	CONFP	CONFM
<i>Integração Pares</i>	<i>Correlação Pearson</i>	-,188	,301*	-,016	,050	,215	-,030	,039	-,073
	<i>Sig.</i>	,216	,045	,918	,746	,156	,849	,801	,636
	<i>N</i>	45	45	44	44	45	44	45	44
<i>Intimidade Pares</i>	<i>Correlação Pearson</i>	,071	,188	,134	,144	,091	,004	-,007	-,122
	<i>Sig.</i>	,641	,217	,387	,352	,552	,978	,966	,432
	<i>N</i>	45	45	44	44	45	44	45	44
<i>Integração Família</i>	<i>Correlação Pearson</i>	-,270	,334*	-,321*	,096	,465**	,244	,435**	,313*
	<i>Sig.</i>	,073	,025	,034	,537	,001	,110	,003	,039
	<i>N</i>	45	45	44	44	45	44	45	44
<i>Intimidade Família</i>	<i>Correlação Pearson</i>	-,167	,365*	-,253	,252	,471**	,472**	,427**	,511**
	<i>Sig.</i>	,272	,014	,097	,099	,001	,001	,003	,000
	<i>N</i>	45	45	44	44	45	44	45	44

Legenda: * $p < .05$; ** $p < .01$

A tabela 6 mostra as correlações entre as sub-escalas dos 2 questionários usados, tendo em conta apenas as respostas dos meninos. Sendo assim na sub-escala Integração e Pares apenas tem uma correlação positiva, sendo esta com a sub-escala que avalia a Disponibilidade

e Pai ($r=0.301$; $p<0.05$), ou seja, quanto maior a disponibilidade do pai maior a integração nos pares.

Na sub-escala que avalia a Integração e Família existem 5 correlações. Em relação à Disponibilidade e Pai ($r=0.334$; $p<0.05$) uma correlação positiva, que indica que quanto maior a disponibilidade do pai maior a integração na família. Outra é na sub-escala Dependência e Mãe ($r=-0.321$; $p<0.05$), ou seja, uma correlação negativa que mostra que quanto maior a dependência da mãe menor a integração na família. Depois, na sub-escala Seguranças e Pai ($r=0.465$; $p<0.01$), ou seja, uma correlação positiva que evidencia que quanto maior a segurança no pai maior a integração na família. Na sub-escala Confiança e Pai ($r=0.434$; $p<0.01$), portanto uma correlação positiva que visa que quanto maior a confiança no pai maior a integração na família. E por último, na sub-escala Confiança e Mãe ($r=0.511$; $p<0.01$), ou seja, uma correlação positiva que indica que quanto maior a confiança na mãe maior a interação na família.

Na sub-escala que avalia a Intimidade e Família obteve-se 5 correlações, sendo elas sempre positivas. Portanto, a Intimidade e Família e a Disponibilidade e Pai ($r=0.365$; $p<0.05$), ou seja, uma correlação positiva que evidencia que quanto maior a disponibilidade do pai maior a intimidade na família. Em relação à Intimidade e Família e a Confiança e Pai também existe um resultado significativo ($r=0.471$; $p<0.01$), mostrando uma correlação positiva, ou seja, quanto maior a confiança no pai maior a intimidade na família. As sub-escalas de Intimidade e Família e Confiança e Mãe os resultados mostraram uma correlação positiva ($r=0.472$; $p<0.01$), portanto, quanto maior a confiança na mãe maior a intimidade na família. Uma outra correlação entre a Intimidade e Família e a Confiança e Pai é positiva ($r=0.427$; $p<0.01$), ou seja, quanto maior a confiança no pai maior a intimidade na família. Em relação a correlação entre a Intimidade e Família e a Confiança e Mãe é positiva ($r=0.511$; $p<0.01$), isto é, quanto maior a confiança na mãe maior a intimidade na família.

Analisando as tabelas 5 e 6, verifica-se que existem algumas diferenças a nível do género. Enquanto as meninas apresentam uma correlação positiva em relação à Integração de Pares e a Segurança da Mãe, e a Confiança da Mãe, os meninos nesta sub-escala de Integração e Pares apresentam uma correlação positiva tendo em conta a Disponibilidade do Pai.

Na sub-escala de Integração e Família também existem correlações diferentes em função do género, portanto os meninos divergem das meninas no sentido que não apresentam correlação alguma na Disponibilidade da Mãe e na Segurança da Mãe.

Na sub-escala de Intimidade e Família as diferenças de género verificam-se no facto de os meninos não apresentarem correlações nas sub-escalas de Dependência do Pai, Dependência da Mãe e Disponibilidade da Mãe. Sendo que as meninas apresentam correlações nessas dimensões, embora em duas delas as correlações sejam negativas (Dependência do pai e Dependência da Mãe).

Em relação à sub-escala Intimidade e Pares tanto nas meninas como nos meninos não existem correlações com as sub-escalas da qualidade da vinculação.

5. Discussão

Este estudo apresenta como objectivos verificar se a qualidade de vinculação estaria relacionada com o sentimento de solidão em jovens adolescentes, bem como evidenciar se existem diferenças no género. Posto este aspecto, verificou-se que existem algumas correlações entre a qualidade de vinculação e o sentimento de solidão, estando assim em conformidade com a literatura, quando esta refere que o sentimento de solidão pode derivar de vários aspectos.

Contudo, de acordo com Goossens e Marcoen (1999), está relacionada com a vinculação experienciada na infância, ou seja, quando a vinculação é insegura significa que os pais não transmitiram seguranças e satisfação aos filhos e que no futuro estes terão mais dificuldade em confiar e estabelecer uma relação com outras pessoas. Vários estudos apontam para uma ligação entre as duas dimensões, (Goossens, Marcoen, Hees & Woestijne 1998, cit. por Bastos & Costa 2005), demonstrando existir uma correlação positiva entre a vinculação insegura e a solidão em adolescentes (Kobak & Sceery, 1988).

Após a análise dos resultados, verifica-se que a correlação entre as duas escalas (Kens Security Scale e a Relational Provision Questionnaire), aponta para alguns resultados significativos, embora uns sejam negativos e outros positivos, ou seja, aponta para que de facto haja uma correlação entre a qualidade de vinculação e o sentimento de solidão, sendo que se dá mais ênfase às sub-escalas relacionadas com a família (escala da solidão). Este resultado vem confirmar alguns estudos anteriores em que se averiguou numa população de 233 alunos Universitários, a relação entre a vinculação e o sentimento de solidão e onde os resultados confirmam que a teoria da vinculação é um preditor do sentimento de solidão (Sá, Monteiro & Melo 2011).

Analisando os resultados individualmente, verifica-se que existem 3 correlações negativas, sendo elas a Dependência do pai e da mãe em função da Integração na família e a Dependência materna em relação à Intimidade na Família. O que se constatou foi que quanto maior a dependência parental menor a integração ou intimidade familiar, resultado que pode dever-se ao facto das crianças não se sentirem confiantes nas suas relações, sentimentos e pensamentos, uma vez que a dependência parental por norma indica menor auto-conceito e conhecimento de si mesmo. Deste modo, os adolescentes podem experienciar solidão nas relações de intimidade e integração familiar, uma vez que pretendem ser autónomos e independentes em termos psicológicos, o que por norma tende para um maior afastamento dos pais no que concerne à procura de apoio, conforto ou mesmo proximidade com os pais

(Weiss, 1991). Este resultado poderá ter outro factor explicativo, sendo que é na adolescência que se faz a transição das figuras vinculativas dos pais para os amigos, isto é, já não se vêem os pais como confidentes passando assim a ver os amigos como meio de partilha de sentimentos, pensamentos privados e auto-revelação. Posto isto, os jovens mostram-se mais aptos para uma auto-revelação aos companheiros e não aos pais (Youniss e Smollar, 1985). Tal como a literatura indica, não é necessário que haja uma desvinculação em relação à família para que existe uma maior autonomia por parte do jovem, mas sim uma reestruturação desse vínculo familiar (Grotevant & Cooper, 1986; Hill & Holmbeck, 1986; Soares & Campos, 1988 cit. por Torres, Santos & Santos, 2008). Contudo, manifestaram-se também correlações positivas no que diz respeito à Integração e ou Intimidade familiar e as sub-escalas da Vinculação (disponibilidade parental e segurança parental), portanto quanto maior estas sub-escalas maior também a integração e intimidade familiar. Estes resultados mostram que de facto a estrutura familiar é muito importante para um jovem adolescente, pois o jovem está perante um desafio de separação dos pais e de maior autonomia. No entanto, os jovens cuja vinculação é segura mostram maior segurança para explorarem relações novas (Matos & Costa, 1996). Isto é, os jovens não têm de substituir os pais enquanto figuras vinculativas, mas passam a ter uma relação de reciprocidade e não complementar (Matos & Costa, 1996). As correlações existentes entre as duas escalas analisadas são tanto positivas como negativas, sendo que as correlações negativas são os factores que poderão levar ao sentimento de solidão.

Em relação ao objectivo deste trabalho, que é verificar se existem diferenças entre a qualidade de vinculação e o sentimento de solidão em função do género, conclui-se que existem algumas diferenças. Quando analisada a variância em função do género, verifica-se que em maior parte das sub-escalas que avaliam a vinculação e a solidão, são as meninas que apresentam médias mais elevadas. Significa que as meninas apresentam uma vinculação segura não experienciando a solidão. No entanto, os meninos também vão ao encontro de uma vinculação segura não mostrando sentimentos de solidão. Estes resultados não vão de encontro aos estudos anteriores relacionados com a solidão, pois estes indicam que as raparigas têm maior tendência para se sentirem sozinhas (Weiss, 1973). Estudos relacionados com a vinculação, indicam que as meninas mostram níveis mais elevados face a determinadas dimensões, como a qualidade do laço emocional e da ansiedade de separação, embora outros estudos realizados com idades pré-escolares apontem para que não haja diferenças entre géneros (Maia; Veríssimo; Ferreira; Silva & Antunes, 2012). É possível inferir que estes resultados estão de acordo com a população normativa, portanto, tanto as meninas como os

meninos apresentam médias significativas, ou seja, evidenciam a qualidade de vinculação e o não sentimento da solidão.

De forma a perceber-se melhor as correlações da qualidade de vinculação e dos sentimentos em função do género fez-se uma análise separada. No que diz respeito às meninas, alguns resultados são significativos, existindo 3 correlações negativas, ao nível da dependência materna e da integração familiar e ao nível da dependência dos pais e da intimidade familiar. Assim, quanto maior a dependência dos pais menor a intimidade e/ou integração familiar, o que pode levar a sentimentos de solidão. Por sua vez, nos meninos, existe apenas 1 correlação negativa que está relacionada com a dependência da mãe e a integração na familiar. Estes resultados podem ser explicados pelo facto das meninas terem em conta mais os laços emocionais (Ramalho 2008, cit. por Gouveia & Matos, 2011). No entanto, no que diz respeito às correlações positivas, denota-se diferenças ao nível do género, pois as meninas têm maior necessidade da confiança e segurança materna para terem uma melhor integração de pares, enquanto os meninos apenas necessitam de uma maior disponibilidade paterna. Segundo a literatura, a vinculação diverge entre pai e mãe. A mãe tem mais tendência para medir as interações com os filhos enquanto que os pais são mais estimulantes em termos físicos (Lewis & Lamb, 2003 cit. por Calado 2008). Estes resultados podem explicar-se na medida em que as meninas necessitam do apoio materno na integração entre pares, uma vez que como anteriormente referido, têm em conta aspectos mais sentimentais (Ramalho 2008, cit. por Gouveia & Matos, 2011), enquanto que os meninos necessitam mais da disponibilidade do pai na integração em pares, uma vez que dão importância a outras dimensões como as físicas (Ramalho 2008, cit. por Gouveia & Matos, 2011).

Neste estudo também se verificaram diferenças de género no que diz respeito à integração familiar, onde as meninas revelaram necessitar da disponibilidade, segurança e confiança parental para se sentirem integradas na família., enquanto os meninos necessitam apenas da disponibilidade e segurança paterna e da confiança parental. Tal facto pode ser explicado através de um estudo com crianças em idade escolar, em que se verificou que a vinculação segura em relação ao pai estava associada a uma maior capacidade de relacionamento entre pares (Verschuere e Marcoen 1999; cit. por Cabral 2008) enquanto a vinculação segura à mãe estava associada a uma maior capacidade de relacionamento íntimo. Portanto enquanto as meninas necessitam de uma vinculação segura tanto da mãe como do pai, ou seja, de uma maior capacidade de relacionamento com os pares bem como de um relacionamento íntimo, os meninos mostram mais necessidade na vinculação segura com o

pai, portanto num maior relacionamento com os pares. Outra correlação onde se evidenciam algumas diferenças entre géneros é na intimidade na família. As meninas, necessitam da disponibilidade, seguranças e confiança parental, enquanto os meninos necessitam da disponibilidade do pai, da segurança e confiança parental. As diferenças são visíveis em termos da disponibilidade da mãe e do pai, ou seja, os meninos apenas necessitam da disponibilidade do pai para uma maior intimidade na família enquanto as meninas necessitam das duas figuras vinculativas. Este aspecto pode ser justificado pelas mesmas razões apresentadas anteriormente, isto é, os meninos tendem apenas para uma relação entre pares sem intimidade ao passo que as meninas necessitam das duas vertentes (Verschueren e Marcoen 1999; cit. por Cabral 2008)., pois têm tendência para maior sensibilidade que os meninos.

Em termos gerais, pode inferir-se que os meninos apresentam maiores tendências para uma vinculação paterna enquanto que as meninas mostram a necessidade de uma vinculação com ambas as figuras parentais. Estudos apontam para que crianças com vinculação segura ao pai mostrem mais competências sociais, enquanto que crianças com vinculação segura à mãe estejam mais ligada aos aspectos relacionais de intimidade (Lamb, 1983 cit. por Cabral 2008).

Em suma, pode dizer-se que tanto nas meninas como nos meninos não foram constatados sentimentos de solidão, uma vez que ambos os géneros apresentam números elevados na vinculação, portanto uma vinculação segura com as figuras parentais. De acordo com a literatura, os estilos de vinculação insegura conduzem à manutenção de relações interpessoais insatisfatórias e ao isolamento social, logo à solidão (Bastos & Costa, 2005). Outros autores defendem que as causas do sentimento de solidão derivam da inexistência de uma vinculação segura, que na adolescência está associada a uma ausência de relações de intimidade (Rubenstein & Shaver 1992; cit. por Basto & Costa 2005). Quando se diz que a solidão deriva da ausência de uma vinculação segura, deve-se entender que estas crianças cuja vinculação é insegura criam modelos internos dinâmicos com expectativas sociais negativas, resultantes de experiências pessoais e afectivas negativas (Wood 2004, cit. por Cabral 2008). Estas experiências negativas como são interiorizadas, poderão resultar em maior dificuldade em relacionamentos, bem como na rejeição entre os pares, ou seja, conduz a um sentimento de solidão, sendo que crianças com uma vinculação segura tendem para criar modelos internos dinâmicos das expectativas sociais positivas (Bretherton, 1990; Booth *et al.*, 1998; Weinfield *et al.*, 1997; Wood *et al.*, 2004 cit. por Cabral 2008). Estas crianças, por norma, têm uma auto-estima mais elevada, uma vez que lhes é permitido explorar o meio ambiente com outras pessoas que não as figuras vinculativas para assim desenvolverem as

competências sociais (Booth, 1998). Neste estudo, não foram evidentes resultados significativos no sentimento de solidão, uma vez que em termos de vinculação, os jovens avaliados apresentavam uma vinculação segura. No entanto, foi possível confirmar-se que quanto mais segura a vinculação menor o sentimento de solidão, ou seja, verificou-se que existem correlações positivas entre a vinculação e a solidão e que quando avaliada a correlação entre as duas escalas em função do género evidenciam-se algumas diferenças, no que diz respeito à escala da vinculação, ou seja, as meninas necessitam de uma vinculação segura por parte de ambas as figuras parentais, enquanto que os meninos evidenciam que necessitam mais da vinculação segura em relação ao pai.

A principal limitação deste estudo encontra-se relacionada com o facto de se ter aplicado os questionários em sala de aula com imensos alunos presentes, bem como os professores. O facto de terem de colocar o nome no questionário pode ser uma variável parasita, pois os jovens poderiam sentir que o estudo não tinha um carácter de anonimato e por isso não responder de forma sincera.

Olhando para a dimensão solidão, percebe-se que tem uma conotação negativa e que por si só desperta alguns sentimentos menos saudáveis. Sabe-se que esta dimensão pode ter vários factores, um deles seria a vinculação insegura, outro a depressão e a dificuldade em estabelecer relacionamentos. No entanto, seria uma mais valia averiguar mais variáveis explicativas da solidão.

Considera-se que seriam interessantes futuras investigações nesta área, com uma amostra mais ampla e seria de interesse alargado juntar uma nova variável como o retraimento social, uma vez que se considera que existe uma inter-ligação entre a vinculação, a solidão e o retraimento social. Vejamos que o retraimento social poderá ser um factor que contribui para o sentimento de solidão, em jovens adolescentes.

Em conclusão, este foi um trabalho bastante gratificante no sentido que permitiu novas explorações para encontrar respostas para o sentimento de solidão. Sabe-se que a vinculação é uma das principais causas desse sentimento, no entanto percebeu-se que existem muitas mais. Nesse sentido uma nova investigação seria de extrema importância para novos conhecimentos.

Referências Bibliográficas

- Allen, J. P. (2008). The attachment system in adolescence. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2th ed., pp. 419-435). New York: Guilford Press.
- Allen, J. P., McElhaney, K. B., Kuperminc, G. P., & Jodl, K. M. (2004). Stability and change in attachment security across adolescence. *Child Development*, 75 (6), 1792–1805
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Atger, F. (2004). Vinculação e adolescência. In N. Guedeney, & A. Guedeney (Eds.), *Vinulação: Conceitos e aplicações* (pp. 147-156). Lisboa: Climepsi.
- Bastos e Costa, (2006). A influência da Vinculação nos sentimentos de solidão nos jovens universitários: Implicações para a intervenção psicológica. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, vol. 18, ex. 2, p. 33-56
- Bastos, M., Figueira, F., & Costa, M. (2001/2002). Avaliação da Solidão nos Jovens Universitários Portugueses. *Caderno de Consulta Psicologica* , pp. 69-81.
- Baumeister, R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as fundamental woman motivation. *Psychology Bullerin*, 3, 497-529
- Bowlby, J. (1951). Maternal care and mental health. *World Health Organization Monograph* (Serial No. 2).
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*, vol.2: Separation, anxiety and anger. New York: Basis Books.

- Bowlby, John. *Formação e Rompimento dos laços afectivos*. Tradução Álvaro Cabral, Revisão Luiz Lorenzo Rivera, São Paulo, Martins Fontes, 1982
- Bowlby, J. (1984a). *Apego e Perda: vol. 1, Apego e Perda*. São Paulo: Martins Fontes
- Bowlby, J. (1985). *Apego e Perda: Vol. 3. Perda: Tristeza e depressão* (1ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1980)
- Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Brazelton, T. Berry. Cramer, Bertrand G. *As primeiras relações*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Brennan, T. (1982). Loneliness at adolescence. In L.A Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: a sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley-Interscience.
- Bretherton (1992). The Origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Bretherton, L., & Munholland, K. (1999). Internal working models in attachment relationships: a construct revisited. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 89-111). New York: The Guilford Press.
- Calado, F. (2008). *O papel da Vinculação ao Pai e à Mãe na Transferência dos Componentes de Vinculação na Adolescência*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa, Portugal.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações Afectivas e Saúde Mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Craik K. (1943). *The Nature of Explanation*, Cambridge University Press, London-New York.

- Collins, N., & Read, S. (1994). Cognitive representations of attachment: the structure and function of working models. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood* (Vol. 5, pp. 53-92). London: Jessica Kingsley Publ.
- Faria, (2008). *Vinculação e Desenvolvimento Epistemológicos em Jovens Adultos*. Tese apresentada para obtenção do grau de Doutoramento em Psicologia, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Minho, Portugal.
- Freeman, A. (1997). The intimacy styles approach: A cognitive-behavioral model for understanding and treating problems of intimacy. In J. Carlson e L. Sperry (Eds.). *The intimate couple*. London: Edwards Brothers.
- George, C., & Solomon, J. (1999). Attachment and caregiving: The caregiving behavioral system. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory, research, and clinical implications* (pp. 649-670). New York: Guilford Press.
- Grossmann, K. E. (1999). Old and new internal working models of attachment: The organization of feelings and language. *Attachment and Human Development, 1*, 253-269.
- Guedeny, N. G. (2002). *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. Paris: Climepsi.
- Hartup, W. (1996). The company they keep: Friendships and their developmental significance. *Child Development, 67*.
- Holmes, J. (1995). "Something there is that doesn't love a wall". John Bowlby, *Attachment Theory and Psychoanalysis*. In S. Goldberg, R. Muir & J. Kerr (Eds.), *Attachment Theory: Social, Developmental and Clinical Perspectives*, 19-43. London: The Analytic Press.
- John Bowlby. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2012. (Consult. 02/06/2012)
- Kerns, Kathryn A. & Amy C. Stevens. Parent-child attachment in late adolescence: Links to social relations and personality, *Journal of Youth and Adolescence, 25,3* (1996): 323-342.

- Kobak, R. R. (1994). Adult attachment: a personality or a relationship construct. *Psychological Inquiry*, 5, 42-44.
- Kobak, R. (1999). The Emotional Dynamics of Disruptions in Attachment Relationships: Implications for Theory, Research and Clinical Intervention. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment, Theory Research and Clinical Applications* (pp. 21-43). New York: The Guilford Press
- Maia, J., Ferreira, B., Veríssimo, M., Santos, A.J. & Shin, N. (2008). Auto-Conceito e Representações da Vinculação no Período Pré-Escolar. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), 423-434.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: a move to the level of representation. In I. Bertherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research*. (Vol. 50, pp. 66-104): Monographs of the Society for Research in Child Development.
- Matos e Costa, (...). Vinculação e Processos de Desenvolvimento nos Jovens e Adultos. *Caderno e Consulta Psicológica*, 12, 1996, pag. 45-54
- Miljkovitch, R. (2004). Vinculação e Psicopatologia durante a infância. In N. Guedeney & A. Guedeney. *Vinculação: conceitos e aplicação* (p. 141-145) (E. Pestana, trad.). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 2002).
- Piaget, J. (1954). *The construction of reality in the child*. New York: Basic Books.
- Pinto, A.,& Torres, N.,& Maia, J.,&Veríssimo, M. (2010). Modelos Internos Dinâmicos de Vinculação e Relações de Objecto Internalizadas: Análise de narrativas em crianças dos 5 aos 7 anos. *Psicologia*.
- Ribeiro e Sousa, (2007). Vinculação e comportamentos de saúde: Estudo exploratório de uma escala de avaliação da vinculação em adolescentes. *Análise Psicológica 1 (XX)*, 67-75

- Rubin, K. H., Lynch, D., Coplan, R., Rose-Krasnor, L., & Booth, C. L. (1994). "Birds of a feather...": Behavioral concordances and preferential personal attraction in children. *Child Development*, 65, 1778–1785.
- Schaffer, H.R. (1996). *O desenvolvimento social da criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Soares, I. (1996). Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia
- Sroufe, L., & Waters, E. (1977). Attachment as an Organizational Construct. *Child Development*, 48, 1184-1199.
- Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. A., & Collins, W. A. (2005). *The development of the person: The Minnesota Study of Risk and Adaptation from Birth to Adulthood*. New York: Guilford Press.
- Sousa, I (2011). Representação da Solidão na Investigação Científica. *Dissertação de Mestrado em Trabalho Social e Intervenção Socioeducativa*, ISCET: Porto.
- Torres, N., Santos, A., & Santos, O. (3 de Julho de 2008). Qualidade da vinculação ao pai e à mãe e o desenvolvimentos da amizade recíproca em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica Sielo Portugal* .
- Uruk, A. and Demir, A. (2003). The Role of Peers and Families in Predicting the Loneliness Level of Adolescents. *Journal of Psychology*, 137(2), 179-194.
- Verdi, M. T. (Julho de 2010). Vínculos: antídoto da solidão. *Sociedade Brasileira de Psicanálise, São Paulo, SP* , pp. 17-23
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B., & Santos, A. J. (2003). Qualidade da vinculação e desenvolvimento sócio-cognitivo. *Análise Psicológica*, 21, 419-430.

Veríssimo, M., & Salvaterra, F. (2006). O modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos num grupo de crianças adoptadas. *Psicologia, 20*, 37-50.

Weiss, R. S. (1973). *Loneliness: the experience of emotional and social isolation*. Cambridge, MA: MIT Press.

Winnicott, D. (1967). The capacity to be alone. *International Journal of Psychoanalysis, 39*, 416-420.

Youniss, J., & Smollar (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers and friends*. Chicago: University of Chicago Press.